



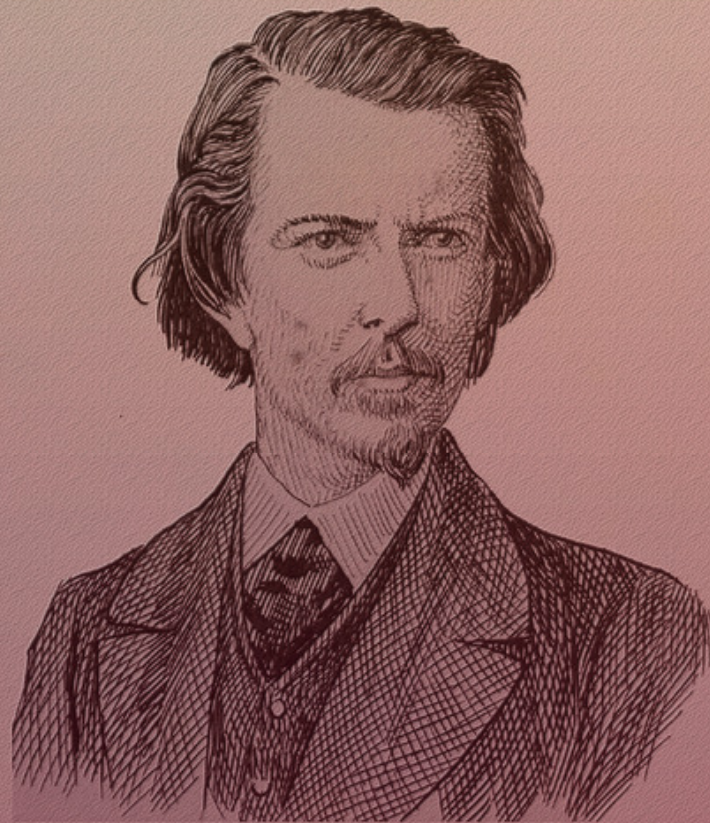
# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

# Literatura



## Fagundes Varela

*Cantos do ermo e da cidade*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *Cantos do ermo e da cidade*

## Fagundes Varela

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1869.

Ilustração da capa: Pedro Américo.

Livro Digital (Gratuito) nº 1079 - 1ª Edição - São Paulo, 2020.

**Poesia** - Literatura Brasileira.

**Luís Nicolau Fagundes Varela**  
**(1841-1875)**



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# ÍNDICE



ALGO MAIS: O desalento em Fagundes Varela.....	1
Primeira página.....	6
Viúva e moça.....	6
Eu amo a noite.....	10
A volta... ..	12
A despedida.....	13
O vagalume.....	15
Conforto.....	16
Visões da noite.....	18
O canto dos sabiás.....	18
O resplendor do trono.....	20
Em viagem.....	21
Serenata.....	22
A sombra.....	23
A diversão.....	26
A lenda do Amazonas.....	29
Estâncias.....	34
Quadrinhas.....	36
O general Juarez.....	39
A filha das montanhas.....	44
O filho de Santo Antônio.....	45
As letras.....	50
O arrependimento.....	50
Acusmata.....	52
A sede.....	61
Enojo.....	76
Lira.....	76
O mesmo.....	77
A um monumento.....	78
A pena.....	79
Leviandades de Cíntia.....	82

Oração fúnebre.....	92
Ao Deus criador.....	93
Hino à Aurora.....	94

## O DESALENTO EM FAGUNDES VARELA

*Minh'alma é como um deserto,  
Por onde o romeiro incerto,  
Procura uma sombra em vão;  
E como a ilha maldita,  
Que sobre as vagas palpita,  
Queimada por um vulcão!*

A vida de Fagundes Varela, diz Agripino Grieco, foi tão poética quanto os seus versos. "Foi a vida de um lírio desvairado, de um contemplador de nuvens, de um pescador de estrelas na água. Mas, quanta poesia há nesse homem, quanta humanidade nesse poeta!" Mas, quanta resignação daqueles olhos amortecidos pela insônia se resumia toda angústia humana:

*Tornei-me o eco das tristezas todas,  
Que entre os homens achei...*

No "Cântico do Calvário" aflora, dolorida, desilusão do poeta de "Noturnas":

*Ai! doido sonho!... Uma estação passou-se  
E tantas glórias, tão risinhos planos  
Desfizeram-se em pó...*

E noutra parte, ele, que no dizer de alguém, fora "bela figura loura, afável e comunicativa," começa a pensar como:

*Tudo é dúbio e trevoso, tudo é falso;  
Uma cousa há real — ninguém o nega —  
É a morte somente!*

Edgard Cavalheiro, na magnífica biografia de Fagundes Varela, estuda o meio social, a época; mostra a Pauliceia do século passado, com seus estudantes, seus poetas, sua garoa; mostra a Faculdade de Direito de São Paulo, com uma mocidade inquieta, pronta a todas as inovações, disposta a todos os sacrifícios — essa Faculdade onde a sombra capenga de Byron no decênio de 60 a 70 pairava ameaçadora e fatal...

Poeta na mais pura expressão da palavra, Fagundes Varela, de emotividade dolorosa que era, foi o dono da mais poderosa sensibilidade do grupo byroniano. Compunha com uma facilidade assombrosa, como de improviso, não tinha tempo para corrigir as suas produções. O poeta do "Evangelho nas Selvas" esbanjou a mocidade, gastou perdulariamente a vida, deixando obra um tanto irregular.

Sílvio Romero diz que não sabe o que mais admirar em Varela, se o lirismo de fantasiar vago, dolente, aéreo e humano, cheio de doçuras e sonoridades, alguma coisa de impalpável e quimérico, de vaporoso e dúbio, como os sonhos de um espírito alheado da realidade, ou o poeta cristão, ou o descritivo ou, ainda, a forma de seus versos brancos, os mais belos da língua portuguesa.

Para Clovis Leite Ribeiro, Fagundes Varela, com seus versos brancos rigorosamente melódicos, com seus versos seguros no valor pictórico dos vocábulos e ricos de imagens, marca o momento de transição entre o romantismo e o parnasianismo.

Fagundes Varela não foi apenas o paisagista vigoroso e firme, não foi apenas o lírico da dúvida e do pessimismo influenciado por Musset e Byron; atingiu também com o seu lirismo regionalista modulações surpreendentes pela brasilidade das imagens em versos como:



*Pelas rosas, pelos lírios,  
elas abelhas, sinhá,  
Pelas notas mais chorosas  
Do canto do sabiá,  
Pelo cálice de angústias  
Da flor do maracujá!*

No "Evangelho nas Selvas", Varela atinge o máximo do colorido, de movimento, de luz e de riquezas fônicas, como se vê quando:

*O ministro de Deus, medita e ora  
Na sossegada ermida; um velho padre.  
De longa barba e descorado rosto,  
Antigo companheiro, hoje de volta,  
Sentado à porta sobre dura pedra,  
Folheia grossa Bíblia. De joelhos  
A seu lado, Naída, atenta e muda,  
Considera as gravuras primorosas.*

Divorciado, pode-se dizer, da vida, diz José Teixeira de Oliveira, o autor de "Cantos do Ermo e da Cidade" passava longos meses desaparecido em excursões solitárias por lugarejos e fazendas do interior, o que explica de certo modo o seu gosto pela natureza:

*Como é suave o aroma das florestas!  
Como é doce das serras a frescura!*

Romântico, paisagista, havia nele sempre um traço inequívoco da terra e da gente brasileira.

No "Evangelho nas Selvas" há sentimento, vida íntima, sinceridade; há notável colorido de cenários, perfil de caracteres e, sobremodo, unção piedosa. Vai da invocação à Cruz até a morte de Anchieta, passando pela estrela guiadora dos Magos, a pintura do Batista, a tentativa de Satanás, o arrependimento de Madalena, o sonho e a morte de Naída, o festim de Herodes, as cenas do Pretório, a ressurreição de Jesus, com a força do encanto e do gênio.

Se foi o maior poeta cristão daquela época, seu cristianismo, observa Agripino Grieco, é bem de "um tom ingenuamente popular, de rezas, de procissões, de romarias e nada encerra de asperamente teologal de transcendências de escolástica". Compôs versos em forma de cruz e entre delírio e mistério, enxergou símbolos da paixão divina nos ornamentos da flor do maracujá.

Politicamente, não foi estranho à sua época, afirmando:

*O passado e o futuro são dois pontos  
Que o presente examina, estuda e marca.*

Em "Mauro, o escravo", os seus versos tem a força do libelo.

"Noturnas", "Cantos do ermo e da Cidade", "Cantos e fantasias", "Vozes meridionais", "Pendão auriverde" e "Anchieta" ou "Evangelho nas Selvas" são obras que possuem o lampejo do gênio. No dizer de alguém, Fagundes Varela estudou pouco, mas produziu muito, fez boemia intensa e casou-se.

No "Cântico do Calvário" chorou a perda do filho, deixando-nos um poema que há de viver na memória e no coração de quantos amam o belo e se condoem do infortúnio de um pai amantíssimo.

*Oh! filho de minh'alma, último lume  
Que neste céu nublado aparecia!*

E noutro lugar, vemo-lo como a nos lembrar um pouco Edgar Allan Poe, quando evoca novamente o filho querido:

*Eras na vida a pomba predileta,  
Que sobre um mar de angustiai conduzia  
O ramo da esperança!...*

Dias mais sombrios de desespero vieram à alma do poeta, entregando-se este, como refúgio, cada vez mais ao álcool, consumindo o calor da mocidade nas tavernas.

O álcool se apresenta nessa vida, diz Edgard Cavalheiro, como um acidente funesto para o homem, mas sem fundas consequências para o artista. Sua poesia, serena, com vagos tons de pastoral jamais será turvada por ele. Ela nasce, apesar do álcool; nunca por causa dele.

Fagundes Varela nasceu a 17 de agosto de 1841, na Fazenda de Santa Rita do Rio Claro, Estado do Rio. Aos 19 anos, depois de inúmeras viagens pelo interior de nossa pátria, em companhia do pai, que era juiz de direito, chega à capital paulista. Ao matricular-se na Faculdade de Direito fora saudado com entusiasmo pela mocidade acadêmica, apesar de sua tristeza ingênita, que mais tarde aparece nos seus versos. Ainda no primeiro ano, casa-se com Alice de Loande, jovem formosíssima. Antes de um ano, o filho do casal, Emiliano, morre. Tempos depois deixando a esposa em Rio Claro, transfere-se para Recife, quase perdendo a vida em naufrágio perto da Bahia. Morre-lhe a jovem amada de tuberculose. Desgostoso, abandona os estudos, voltando para a fazenda, em Rio Claro. Por insistência dos pais, casa-se novamente com sua prima Belisária Lambert, mas, não muito depois, a 18 de fevereiro de 1875, com 34 anos de idade, em Niterói, é encontrado agonizante, caído na rua, completamente alcoolizado, para se levantar tão somente com a glória de ter sido um dos gênios da poesia nacional.

---

DANTE ALIGHIERI VITA

Revista do Professor, fevereiro de 1952.

# CANTOS DO ERMO E DA CIDADE



## PRIMEIRA PÁGINA

Louras abelhas, leves borboletas,  
Volúveis beija-flores,  
Rápidos gênios, hóspedes dos ares,  
Solitários cantores,  
Amantes uns das pombas das cidades,  
Das galas e das festas,  
Outros amigos das planícies vastas  
E das amplas florestas;  
Alado mundo, turbilhão volante,  
Bando de sonhos vagos,  
Ora adejando em caprichosos giros,  
Ora em doces afagos  
Pousando sobre as frentes cismadoras;  
Vede, desponta o dia,  
Sacudi vossas asas vaporosas,  
Exultai de alegria!  
Ide sem medo, lúcidas quimeras,  
São horas de partir!...  
Ide, correi, voai, que vos desejo  
O mais almo porvir!



## VIÚVA E MOÇA

Cristo, onde estão as doutrinas,  
Onde as máximas divinas  
De caridade e de fé?  
Caíram como as sementes  
Sobre os rochedos ardentes

De que falavas às gentes,  
Sonhador de Nazaré!

Desde o romper d'alvorada  
Ao lar deserto sentada,  
Cristo, Cristo, choro em vão  
Tenho exausta a paciência,  
Mas a santa providência  
É surda à minha indigência,  
Me deixa sem luz, sem pão!

Debalde invoco teu nome!  
O negro abutre da fome  
Rói-me as entranhas, Senhor!  
Estão áridos meus peitos!  
Sobre seus úmidos leitões  
Meus filhos, tristes, defeitos,  
Vertem lágrimas de dor!

A multidão ruge e passa,  
Ninguém pensa na desgraça  
Desta pobre habitação!  
As privações se acumulam  
E os instintos estimulam  
Selvagens corcéis que pulam  
Quebrando o freio à razão!

Que fazer? De abismo escuro  
Levanta-se um vulto impuro  
Sinistra imagem do mal,  
Tem a abundância de um lado.  
Nas mãos um cofre dourado,  
Canta um canto condenado,  
Um canto de bacanal!

E mostra-me seu tesouro  
Repleto de pilhas de ouro,

De ouro de funesta luz!  
Depois com astutas falas  
Me aponta brilhantes salas,  
Cheias de pompas e galas,  
Cheias de flores e luz!

E vejo pálidas sombras  
Que dançam sobre as alfombras,  
Frio o riso, o olhar febril!  
Tristes belezas manchadas!  
Tristes múmias coroadas  
De grinaldas profanadas  
Em noites de orgias mil!

Confusas vozes me chamam!  
Os demônios me reclamam,  
Que a miséria me vendeu!  
Cerro tremendo os ouvidos,  
Mas inda escuto os gemidos  
De meus filhos repelidos  
Pela terra e pelo céu!

Senhor! Senhor! este mundo  
Ávido, sórdido, imundo,  
Faz-me descrer até de ti!  
Minh'alma está branca e pura,  
Mas cega-me a desventura,  
E entre, o crime, entre a loucura  
Vacilo!... — Porque nasci!

Entregue aos vaivens da sorte,  
Fraca, sozinha, sem norte,  
Como poderei lutar?  
Se às vezes entre a caligem,  
Meus passos anjos dirigem,  
Bem cedo o véu da vertigem  
Me impede de caminhar!

A lei do dever é santa;  
Mas a desdita a quebranta,  
O mundo tem mais poder!  
O espírito arqueja e cansa,  
O mundo a vitória alcança,  
Dos homens sobre a balança  
Mais peso sempre há de ter!

Bati por todas as portas,  
As virtudes estão mortas,  
As crenças sem mais valor;  
Ai! perdi toda a energia,  
Minha mente desvaria,  
Não tenho rumo nem guia,  
Deverei morrer, Senhor?

Eu creio em ti, eu te adoro,  
Mas as lágrimas que choro  
Tu não vês das vastidões!  
Deixas que eu sofra e padeça  
Que a virtude depereça,  
Mas que altivo se engrandeça  
O vício com seus braços!

Cristo, em vão te cruciaste!  
Em vão aos homens deixaste  
Preceitos de amor e fé!  
Caíram como as sementes  
Sobreis rochedos ardentes  
De que falavas às gentes,  
Sonhador de Nazaré!



## EU AMO A NOITE

Eu amo a noite quando deixa os montes,  
Bela, mas bela de um horror sublime,  
E sobre a face dos desertos quedos  
Seu régio selo de mistério imprime.

Amo o sinistro ramalhar dos cedros  
Ao rijo sopro da tormenta infrene,  
Quando antevendo a inevitável queda  
Mandam aos ermos um adeus solene.

Amo os penedos escarpados onde  
Desprende o abutre o prolongado pio,  
E a voz medonha do caimã disforme  
Por entre os juncos de lodoso rio.

Amo os lampejos verde-azuis, funéreos,  
Que às horas mortas erguem-se da terra  
E enchem de susto o viajante incauto  
No cemitério de sombria serra.

Amo o silêncio, os areais extensos,  
Os vastos brejos e os sertões sem dia,  
Porque meu seio como a sombra é triste,  
Porque minh'alma é de ilusões vazia.

Amo o furor do vendaval que ruge,  
Das asas densas sacudindo o estrago,  
Silvos de balas, turbilhões de fumo,  
Tribos de corvos em sangrento lago.

Amo as torrentes que da chuva túmidas  
Lançam aos ares um rumor profundo,  
Depois raivosas, carcomendo as margens,  
Vão dos abismos pernoitar no fundo.



Amo o pavor das soledades, quando  
Rolam as rochas da montanha erguida,  
E o fulvo raio que flameja e tomba  
Lascando a cruz da solitária ermida.

Amo as perpétuas que os sepulcros ornam,  
As rosas brancas desbrochando à lua,  
Porque na vida não terei mais sonhos,  
Porque minh'alma é de esperanças nua.

Tenho um desejo de descanso, infindo,  
Negam-me os homens; onde irei achá-lo?  
A única fibra que ao prazer ligava-me  
Senti partir-se ao derradeiro abalo!...

Como a criança, do viver nas veigas,  
Gastei meus dias namorando as flores,  
Finos espinhos os meus pés rasgaram,  
Pisei-os ébrio de ilusões e amores.

Cendal espesso me vendava os olhos,  
Doce veneno lhe molhava o nó...  
Ai! Minha estrela de passadas eras,  
Por que tão cedo me deixaste só?

Sem ti, procuro a solidão e as sombras  
De um céu toldado de feral caligem,  
E gasto as horas traduzindo as queixas  
Que à noite partem da floresta virgem.

Amo a tristeza dos profundos mares,  
As águas torvas de ignotos rios,  
E as negras rochas que nos plainos zombam  
Da insana fúria dos tufões bravios.

Tenho um deserto de amarguras n'alma,  
Mas nunca a fronte curvarei por terra!...

Ah! Tremo às vezes ao tocar nas chagas,  
Nas vivas chagas que meu peito encerra!

---

## A VOLTA

A casa era pequenina...  
Não era? Mas tão bonita  
Que teu seio inda palpita  
Lembrando dela, não é?

Queres voltar? Eu te sigo;  
Eu amo o ermo profundo...  
A paz que foge do mundo  
Preza os tetos de sapê.

Bem vejo que tens saudades...  
Não tens? Pobre passarinho!  
De teu venturoso ninho  
Passaste à dura prisão!

Vamos, as matas e os campos  
Estão cobertos de flores,  
Tecem mimosos cantores  
Hinos à bela estação.

E tu mais bela que as flores...  
Não cores... Aos almos cantos  
Ajuntarás os encantos  
De teu gorjeio infantil.

Escuta, filha, a estas horas,  
Que a sombra deixa as alturas,  
Lá cantam as saracuras  
Junto aos lagos cor de anil...

Os vaga-lumes em bando  
Correm sobre a relva fria,  
Enquanto o vento cicia  
Na sombra dos taquarais...

E os gênios que ali vagueiam,  
Mirando a casa deserta,  
Repetem de boca aberta:  
Acaso não virão mais?

Mas, nós iremos, tu queres,  
Não é assim? Nós iremos;  
Mais belos reviveremos  
Os belos sonhos de então.

E, à noite, fechada a porta,  
Tecendo planos de glórias,  
Contaremos mil histórias,  
Sentados junto ao fogão.



## A DESPEDIDA

### I

Filha dos cerros onde o sol se esconde,  
Onde breme o jaguar e a pomba chora,  
São horas de partir, desponta a aurora,  
Deixa-me que te abrace e que te beije.

Deixa-me que te abrace e que te beije,  
Que sobre o teu meu coração palpite,  
E dentro d'alma sinta que se agite  
Quanto tenho de teu impresso nela.

Quanto tenho de teu impresso nela,  
Risos ingênuos, prantos de criança,

E esses tão lindos planos de esperança  
Que a sós na solidão traçamos juntos.

Que a sós na solidão traçamos juntos,  
Sedentos de emoções, ébrios de amores,  
Idólatras da luz e dos fulgores  
De nossa mãe sublime, a natureza!

De nossa mãe sublime, a natureza,  
Que nossas almas numa só fundira,  
E a inspiração soprara-me na lira  
Muda, arruinada nos mundanos cantos.  
Muda, arruinada nos mundanos cantos,  
Mas hoje bela e rica de harmonias,  
Banhada ao sol de teus formosos dias,  
Santificada à luz de teus encantos!

## II

Adeus! Adeus! A estrela matutina  
Pelos clarões da aurora deslumbrada  
Apaga-se no espaço,  
A névoa desce sobre os campos úmidos,  
Erguem-se as flores trêmulas de orvalho  
Dos vales no regaço.

Adeus! Adeus! Sorvendo a aragem fresca,  
Meu ginete relincha impaciente  
E parece chamar-me...  
Transpondo em breve o cimo deste monte,  
Um gesto ainda, e tudo é findo! O mundo  
Depois pode esmagar-me.

Não te queixes de mim, não me crimines,  
Eu depus a teus pés meus sonhos todos,  
Tudo o que era sentir!  
Os algozes da crença e dos afetos  
Em torno de um cadáver de ora em diante

Hão de embalde rugir.

Tu não mais ouvirás os doces versos  
Que nas várzeas viçosas eu compunha,  
Ou junto das torrentes;  
Nem teus cabelos mais verás ornados,  
Como a pagã formosa, de grinaldas  
De flores rescendentes.

Verás tão cedo ainda esvaecida,  
A mais linda visão de teus desejos,  
Aos látegos da sorte!  
Mas eu terei de tântalo o suplício!  
Eu pedirei repouso de mãos postas,  
E será surda a morte!

Adeus! Adeus! Não chores, que essas lágrimas  
Coam-me ao coração incandescentes,  
Qual fundido metal!  
Duas vezes na vida não se as vertem!  
Enxuga-as, pois; se a dor é necessária,  
Cumpra-se a lei fatal!



## O VAGALUME

Quem és tu, pobre vivente  
Que passas triste sozinho,  
Trazendo os raios da estrela  
E as asas do passarinho?

A noite é negra, raivosos  
Os ventos sopram do sul,  
Não temes, doido, que apaguem  
A tua lanterna azul?

Quando apareces, o lago  
De estranhas luzes fulgura,  
Os mochos voam medrosos  
Buscando a floresta escura.

As folhas brilham, refletem,  
Como espelhos de esmeralda,  
Fulge o íris nas torrentes  
Da serrania na fralda.

O grilo salta das sarças,  
Pulam gênios nos palmares,  
Começa o baile dos silfos  
No seio dos nenúfares.

A tribo das borboletas,  
Das borboletas azuis,  
Segue teus giros no espaço,  
Mimosa gota de luz.

São elas flores sem hástea,  
Tu és estrela sem céu,  
Procuram elas as chamas,  
Tu amas da noite o véu!...

Onde vais, pobre vivente,  
Onde vais, triste, mesquinho,  
Levando os raios da estrela  
Nas asas do passarinho?

---

## CONFORTO

Deixo aos mais homens a tarefa ingrata  
De maldizer teu nome desditoso;  
Por mim nunca o farei:

Como a estrela no céu vejo tu' alma,  
E como a estrela que o vulcão não tolda,  
Pura sempre a encontrei.

Dos juízos mortais toda a miséria  
Nos curtos passos de uma curta vida  
Também, também sofri,  
Mas contente no mundo de mim mesmo,  
Menos grande que tu, porém mais forte,  
Das calúnias me ri.

A turba vil de escândalos faminta,  
Que das dores alheias se alimenta  
E folga sobre o pó,  
Há de soltar um grito de triunfo,  
Se vir de leve te brilhar nos olhos  
Uma lágrima só.  
Oh! Não chores jamais! A sede imunda,  
Prantos divinos, prantos de martírio,  
Não devem saciar...  
O orgulho é nobre quando a dor o ampara,  
E se lágrima verte é funda e vasta,  
Tão vasta como o mar.

É duro de sofrer, eu sei, o escárnio  
Dos seres mais nojentos que se arrastam  
Ganindo sobre o chão,  
Mas a dor majestosa que incendeia  
Dos eleitos a frente os vis deslumbra  
Com seu vivo clarão.

Curve-se o ente imbele que, despido  
De crenças e firmeza, implora humilde  
O arrimo de um senhor,  
O espírito que há visto a claridade  
Rejeita todo o auxílio, rasga as sombras,  
Sublime em seu valor.

Deixa passar a doida caravana,  
Fica no teu retiro, dorme sem medo,  
Da consciência à luz;  
Livres do mundo um dia nos veremos,  
Tem confiança em mim, conheço a senda  
Que ao repouso conduz.



### VISÕES DA NOITE

Passai, tristes fantasmas! O que é feito  
Das mulheres que amei, gentis e puras?  
Umam devoram negras amarguras,  
Repousam outras em marmóreo leito!

Outras no encaço de fatal proveito  
Buscam à noite as saturnais escuras,  
Onde, empenhando as murchas formosuras,  
Ao demônio do ouro rendem preto!

Todas sem mais amor! Sem mais paixões!  
Mais uma fibra trêmula e sentida!  
Mais um leve calor nos corações!

Pálidas sombras de ilusão perdida,  
Minh'alma está deserta de emoções,  
Passai, passai, não me poupeis a vida!



### O CANTO DOS SABIÁS

Serão de mortos anjinhos  
O cantar de errantes almas,  
Dos coqueirais fluorescentes



A brincar nas verdes palmas,  
Estas notas maviosas  
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantam  
Nas mangueiras do pomar.

Serão os gênios da tarde  
Que passam sobre as campinas,  
Cingido o colo de opalas  
E a cabeça de neblinas,  
E fogem, nas harpas de ouro  
Mansamente a dedilhar?

São os sabiás que cantam...  
Não vês o sol declinar?

Ou serão talvez as preces  
De algum sonhador proscrito,  
Que vagueia nos desertos,  
Alma cheia do infinito,  
Pedindo a deus um consolo  
Que o mundo não pode dar?

São os sabiás que cantam...  
Como está sereno o mar!

Ou, quem sabe? As tristes sombras  
De quanto amei neste mundo,  
Que se elevam lacrimosas  
De seu túmulo profundo,  
E vêm os salmos da morte  
No meu desterro entoar?

São os sabiás que cantam...  
Não gostas de os escutar?

Serás tu, minha saudade?  
Tu, meu tesouro de amor?  
Tu que às tormentas murchaste  
Da mocidade na flor?  
Serás tu? Vem, sê bem-vinda  
Quero-te ainda escutar!

São os sabiás que cantam  
Antes da noite baixar.

Mas ah! Delírio insensato!  
Não és tu, sombra adorada!  
Não são cânticos de anjinhos,  
Nem de falange encantada,  
Passando sobre as campinas  
Nas harpas a dedilhar!

São os sabiás que cantam  
Nas mangueiras do pomar!



## O RESPLENDOR DO TRONO

Que vale a pompa e o resplendor do trono!  
Triste vaidade! O albergue de um colono  
Mais encantos encerra e mais doçuras!  
De calma consciência à sombra amiga  
Floresce o riso e o júbilo se abriga,  
Livre de enganos e visões escuras.

Quem não aspira da grandeza aos combros  
Tem segura a cabeça sobre os ombros,  
E a vereda conhece onde caminha;  
Dorme sem medo, acorda sem pesares,  
E vê, feliz, a prole junto aos lares  
Vigorosa estender-se como a vinha.

Sob os dosséis dos sólios a mentira  
Boceja e o corpo sensual estira  
No tapete macio dos degraus...  
São sempre incertos do reinante os passos!  
Ame embora a verdade, ocultos laços  
Prendem o cego aos cálculos dos maus!

Oh! Ditoso mil vezes o operário!  
Ama o trabalho, e o módico salário  
De prantos nem de sangue está manchado!  
Combates não planeja em vasta liça!  
Nem das vítimas ouve da injustiça  
A queixa amarga e o clamoroso brado!

Não desperta alta noite em sobressalto!  
Nem dos cuidados ao cruento assalto  
Sobre o ouro e o cetim geme e delira!  
Qual manso arroio sobre a terra corre,  
E no meio dos seus tranquilo morre  
Como a nota de um canto em branda lira!

Não invejeis as pompas das alturas!  
O raio deixa os vales e as planuras,  
A tempestade preza as serranias!...  
Quereis saber da majestade a glória?  
Lede nos régios túmulos a história  
Dos soberanos de passados dias!



## EM VIAGEM

A vida nas cidades me enfastia,  
Enoja-me o tropel das multidões,  
O sopro do egoísmo e do interesse  
Mata-me n'alma a flor das ilusões.

Mata-me n' alma a flor das ilusões  
Tanta mentira, tão fingido rir,  
E cheio e farto de tristeza e tédio  
Rejeito as glórias de falaz porvir!

Rejeito as glórias de falaz porvir,  
Galas e festas, o prazer talvez,  
E busco altivo as solidões profundas  
Que dormem quedas do senhor aos pés.

Que dormem quedas do senhor aos pés,  
Ao doce brilho dos clarões astrais,  
Ricas de gozos que não tem o mundo,  
Pródigas sempre de beleza e paz!



## SERENATA

Em teus travessos olhos,  
Mais lindos que as estrelas,  
Do espaço, às furtadelas,  
Mirando o escuro mar,  
Em teu olhar tirânico,  
Cheio de vivo fogo,  
Meu ser, minh'alma afogo  
De amor a suspirar.

Se teus encantos todos  
Eu fosse a enumerar!...  
Desses mimosos lábios  
Que ao beija-flor enganam,  
Donde perpétuos manam  
Perfumes de enlear,  
Desses lascivos lábios,  
Macios, purpurinos,

Ouvindo os sons divinos  
Me sinto desmaiar.

Se teus encantos todos  
Eu fosse a enumerar!...

Tuas madeixas virgens,  
Cheirosas, flutuantes,  
Teus seios palpitantes  
Da sede do gozar,  
Tua cintura estreita,  
Teu pé sutil conciso,  
Obumbram-me o juízo,  
Apagam-me o pensar.

Se teus encantos todos  
Eu fosse a enumerar!...

Ai! quebra-me estes ferros  
Fatais que nos separam,  
Os doidos que os forjaram  
Não sabem, não, amar.  
Dá-me teu corpo e alma,  
E à luz da liberdade,  
Oh! minha divindade,  
Corramos a folgar.

Se teus encantos todos  
Eu fosse a enumerar!...

---

## A SOMBRA

Longe, longe das águas-marinhas,  
Sobre vastas campinas pousada,  
Sempre aos raios de um sol resplendente,

Se ostentava risonha morada.

Nas planícies que a vista não vence  
Espalhadas pastavam cem reses,  
Ora junto das fontes tranquilas,  
Escondidas no mato outras vezes...

Ao portão, de manhã, reunidas,  
Meio ocultas no véu da neblina,  
O senhor esperar pareciam  
Sempre amigo da luz matutina.

E, depois que seu vulto bondoso  
Da janela sorrindo as olhava,  
Se afastavam contentes, pulando  
Sobre a grama que o orvalho banhava.

Quando além das montanhas o dia  
Apagava seu raio final,  
Acudindo do amo aos clamores  
Todo o gado se achava no vale.

E em torno dele um círculo formando  
Humildes e silentes,  
Cada qual por sua vez se adiantando,  
Vinham lambe o sal que apresentavam  
As mãos benevolentes,  
As mãos benevolentes que adoravam.  
E o manso gado as falas lhe entendia  
E os tenros bezerrinhos  
Saltitavam trementes de alegria  
A seus meigos carinhos...  
Talvez sondasse nesses pobres brutos,  
Sob esses pelos ríspidos, hirsutos,  
Um oculto clarão,  
Raio de encarcerada inteligência,  
Que a doida, pobre e mísera ciência,

Trucidando sem pena a criação,  
Procura sempre, mas procura em vão.

Passaram tempos, e o vaqueiro é morto...  
Da velha habitação só muros restam,  
E às já despidas, murchas laranjeiras  
Espinheiros entestam.

Sobre montões de pedra as lagartixas  
Leves se arrastam sobre o musgo vil.  
Traidoras vespas nos esteios podres  
Formaram seu covil.

O sol, que outrora derramava em torno  
Raios de luz, torrentes de alegria,  
Hoje atira do espaço ao lar deserto  
Um riso de ironia.

Não mais perfumes pelos ares giram,  
Não mais os ventos suspirando passam,  
Somente impuro odor, silvo de serpes  
No ambiente perpassam.

Parece que ao pairar nesses lugares  
Todo o seu ódio o estrago sacudira,  
E o espírito do mal no chão gretado  
A saliva cuspira.

Viajor, viajor, não te aproximes  
Do ermo sítio que o terror marcou,  
A mão de deus talvez ardendo em iras  
Pesada ali tocou.

Porém quando no ocidente  
Vai baixando o orbe imortal,  
As reses sempre constantes  
Se ajuntam todas no vale.

E nessa mesma paragem,  
Onde as chamava o senhor,  
Talvez do defunto à sombra  
Reúnem-se ao derredor.

E muge, muge de balde,  
Tristonhas cavando o chão,  
Fitando doridos olhos  
No astro rei da amplidão.

Mas o sol não as escuta,  
Mas o sol caindo vai,  
Imagem de um deus cruento,  
Cruenta imagem de pai.

E o caminheiro, que ao longe  
Das serras descendo vem,  
Não passa perto das ruínas,  
Procura outra senda além.



## A DIVERSÃO

Escravo enche essa taça,  
Enche-a depressa, e canta!  
Quero espancar a nuvem da desgraça  
Que além nos ares lutulenta passa,  
E meu gênio quebranta.

Tenho n'alma a tormenta,  
Tormenta horrenda e fria!  
Debalde a doida conjurá-la tenta,  
Luta, vacila e tomba macilenta  
Nas vascas da agonia!



Pois bem, seja de vinho  
No delirar insano  
Que afogue minhas lágrimas mesquinho!...  
Então envolto em púrpura e arminho  
Serei um soberano!

Cresce, transpõe as bordas  
De brilhante cristal,  
Torrente amada que o prazer acordas...  
Toma a guitarra, escravo, afina as cordas,  
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias  
Um sangue mais veloz...  
Anjos... inspirações... mundos de ideias  
Sacudi-me da frente as sombras feias  
Deste cismar atroz!

Que celestes bafagens!  
Que lânguidos perfumes!  
Que vaporosas, lúcidas imagens  
Dançam vestidas de sutis roupagens  
Entre esplendidos lumes!

Tange mais brando ainda  
Esse mago instrumento!...  
Mais!... inda mais! Que maravilha infinda!  
Que plaga imensa, luminosa e linda!  
Que de vozes no vento!

São as houris divinas  
Que junto a mim perpassam,  
Ou de Schiraz as virgens peregrinas,  
Que cingidas de rosas purpurinas  
Chorão Bulbul e passam?

Oh! não, que não são elas,

Mas ai! meus sonhos são!  
São do passado as vividas estrelas  
Que a flux rebentam cada vez mais belas,  
De mais puro clarão!

São meus prazeres idos!  
Minha extinta esperança!  
São... Mas que nota fere-me os ouvidos?  
Escravo estulto, abafa esses gemidos!  
Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura,  
O mar e o céu azul,  
Quero olvidar minha comedia escura,  
E a ledos sons as larvas da loucura  
Bater como Saul!

Leva-me às densas matas  
Onde viveu Celuta;  
Faze-me um leito à margem das cascatas,  
Ou nas alfombras úmidas e gratas  
De recôndita gruta.

Assim... assim! Fagueiras,  
Escuto já nos ares  
As vozes das donzelas prazenteiras,  
Que dançam rindo ao lume das fogueiras  
No centro dos palmares.

Mais vinho! Oh! filtro mago!  
Só tu podes no mundo  
Mudar os giros do destino vago,  
E fazer do martírio um doce afago,  
De uma taça no fundo!

Oh! patriarca antigo!  
Oh! bebedor feliz,

Do roxo sumo da parreira amigo!  
Teu nome invoco, abraço-me contigo,  
Vem, vem ser meu juiz!

Basta, servo, de cantos;  
Quero dormir, sonhar,  
Sinto do vinho os últimos encantos...  
Molham-me as faces amorosos prantos,  
Vou reviver e amar!



### A LENDA DO AMAZONAS

Quando vestido de brilhante púrpura  
Surgia o sol no céu,  
Deixei a medo os majestosos píncaros  
Onde habita o condor,  
E guardando do frio os seios trêmulos  
Nas dobras do brial,  
Como errante cegonha ou pomba tímida,  
Às planícies voei.  
Em meus cabelos ciciavam, lânguidos,  
Os sopros da manhã,  
Clarões e névoas, iriantes círculos,  
Giravam-me ao redor...  
Mas sobre o leito de tecidos flácidos,  
Inclinada a sorrir,  
Deixava-me rolar aos doces cânticos  
Dos gênios do arrebol.  
Já perdendo de vista os andes túrbidos  
Sobre rochas pousei...  
Sobre rochas pousei... As virgens cândidas,  
Louras filhas do ar,  
Trocaram-me do corpo a etérea túnica  
Por manto de cristal,  
Cantaram-me ao ouvido um hino mágico

Que falava de amor,  
Tão meigo e triste como a voz da américa  
Em seu berço de luz.  
Cingiram-me a cabeça dos mais límpidos  
Diamantes e rubins;  
Das borboletas leves e translúcidas  
Do verde penamá  
Formaram-me sutil, brilhante séquito;  
Aspergiram-me os pés  
Do perfume das flores mais balsâmicas  
Das savanas sem fim,  
E, me apontando da floresta os dédalos  
Pejados de frescor  
Deram-me abraços mil, ardentes ósculos,  
E deixaram-me só...  
E deixaram-me só; nos vastos âmbitos  
Sem rumo, me perdi,  
Meus olhos inundaram-se de lágrimas,  
Quis aos montes voltar...  
Mas o treno saudoso dos espíritos  
À minh'alma falou,  
E ao grato acento dessas queixas místicas  
De novo me alentei.  
Desci das brenhas pensativa, atônita,  
Olhos fitos além,  
Meu manto sobre a rocha um surdo estrépido  
Desprendia ao roçar...  
E meus cabelos borrifados, úmidos  
De sereno estival,  
Salpicavam, ao sol, de infindas pérolas  
O desnudado chão.  
Os velhos cedros com seus ramos ásperos,  
Saudaram-me ao passar,  
Os cantores das matas, em miríades,  
Os coqueirais senis  
Bradaram numa voz: oh! Filha esplêndida  
Da eterna criação,

Corre, que ao lado do soberbo tálamo  
Por ti suspira o mar!...  
Ao meio-dia, extenuada, mórbida  
Pelo intenso calor,  
De um mundo ignoto sob a imensa cúpula  
Solitária me achei.  
Argêntas fontes, sonoros zéfiros,  
Rumores divinais,  
Grutas de sombra e de frescura pródidas,  
Multicores dosséis,  
A cujo abrigo um turbilhão de pássaros  
Cruzava a trinar  
Um não sei quê de vago e melancólico,  
De infinito talvez,  
Acenderam-me ao seio a chama insólita  
De estranha sensação!  
Sentei-me ao lado de um rochedo côncavo  
E procurei dormir...  
E procurei dormir; as plagas túmidas,  
O indizível amor  
Que transudava dos sussurros épicos  
Dos sombrios pinhais,  
Em cujas grimpas ramalhavam séculos,  
Dormia a tradição;  
Da rola do deserto as flébeis súplicas,  
A tênue, frouxa luz  
Coando entre os rasgados espiráculos  
Desse zimbório audaz  
Por mil colunas desmarcadas, ríspidas,  
Sustentado ante o céu,  
Vedaram-me o repouso, e a mente estática.  
Em santa reflexão  
Senti volver-se as cenas de outras épocas.  
Ah! Que tudo passou!  
Como o sol era belo e a terra lúcida!  
Como era doce a paz!  
Da família indiana em noite plácida

Junto ao fogo a dançar!  
Como era calmo e belo e vivo o júbilo  
Das filhas de tupã  
Depondo junto ao fogo os anchos cântaros  
E atrás dos colibris  
Correndo alegres nos relvosos páramos!  
E a voz do pescador  
Sobre as águas plangentes e diáfanas  
De ameno ribeirão!  
E o rápido silvar das setas rápidas  
Os urros do jaguar,  
A volta da caçada, os hinos férvidos  
Nos festins anuais!  
Tudo findou-se! A mão cruel, mortífera,  
De uma idade feroz  
Tantas glórias varreu, e nem um dístico  
Deixou no chão sequer!  
Apenas no deserto ermos sarcófagos  
Sem mais cinzas, nem pó,  
Negras imagens de figuras híbridas,  
Soltas aqui e ali,  
Resistem do destino ao rijo látigo!...  
Mas das eras de então  
Nada revelam no silêncio gélido!...  
Meu deus e meu senhor!  
Eu que vi construir-se o imenso pórtico  
Do edifício imortal,  
Donde ao vivo luzir dos astros fúlgidos  
Todo o ser rebentou,  
Eu que pelas planícies inda cálidas  
De vosso bafejar,  
Vi deslizar o tigre, o Eufrates célebre,  
O sagrado Jordão...  
Eu sem nome, sem glórias e sem pátria,  
Entre os densos cocais,  
Ia, bem como as gerações sem número,  
Absorta escutar

Dos santos querubins a voz melódica!...  
Eu que pobre e sem guia,  
Pobre e sem guia nos desertos áridos,  
Teu poder, grande deus,  
Presentia no ar, no céu, nos átomos...  
Vi também sob o sol  
Afogarem-se os orbes no crepúsculo  
De uma noite fatal,  
E à lareira da vida erguer-se impávido  
O nada aterrador!  
Vi num combate pavoroso e tétrico,  
Torva, escura epopeia,  
O fantasma do estrago, a morte esquálida  
Vencer a criação,  
Devorar-lhe sem penas as quentes vísceras,  
Dilacerar sem dó  
Da madre natureza as fibras íntimas!  
Vi à luz dos fuzis,  
Do abutre da tormenta a insana cólera  
A floresta cair;  
Vi negras feras e serpentes pérfidas,  
Demônios de furor,  
Alastrarem a terra de cadáveres  
De pobres animais;  
E deste solo de imundícias lúbrico,  
Também vi se elevar  
A própria vida de destroços pútridos!...  
Meu deus e meu senhor,  
O que diz esta lei crua e fatídica?...  
Sobre o vale da dor,  
Sobre o vale da dor mirando as nuvens,  
Cismando no porvir,  
Eu também moça sinto-me decrépita!  
Vê-me a aurora nascer,  
Mas ouve a noite meus cantares fúnebres!  
A alvorada outra vez  
Das cinzas de meus restos inda tépidas

Rediviva me vê!...  
Eu murmurava assim triste e perplexa  
Cortando a solidão...  
As estrelas surgiam belas, nítidas  
No céu de puro anil,  
O bando vagabundo das Lucíolas,  
Rastejando os pauís  
Derramavam clarões débeis e fátuos  
Nas plantas ao redor,  
Línguas de fogo verde-azul fosfórico  
Cruzavam-se no ar...  
A terra e os astros num sorrir recíproco  
Pareciam se unir,  
Uma para beijar o azul sidéreo,  
Outros para verter  
No seio que sofre um doce bálsamo.  
A branca lua  
Pura se erguia na celeste abóbada,  
Tudo era paz e amor,  
Vozes e saudações, hinos angélicos!  
Um ténue, langue véu  
Senti passar-me pelos olhos ávidos;  
Um perfume feliz  
Ungiu-me a fronte de venturas ébria,  
Pensei adormecer!  
Mas ah! Quando de novo abri as pálpebras,  
Reclinado a meus pés,  
Coroadado de espumas e chamas vívidas,  
Prostrado estava o mar.  
Como a noite era bela e a terra lúcida!

---

## ESTÂNCIAS

O que eu adoro em ti não são teus olhos,  
Teus lindos olhos cheios de mistério,



Por cujo brilho os homens deixariam  
Da terra inteira o mais soberbo império.

O que eu adoro em ti não são teus lábios,  
Onde perpétua juventude mora,  
E encerram mais perfumes do que os vales  
Por entre as pompas festivas da aurora.

O que eu adoro em ti não é teu rosto  
Perante o qual o marmor descorara,  
E ao contemplar a esplêndida harmonia  
Fídias, o mestre, seu cinzel quebrara.

O que eu adoro em ti não é teu colo,  
Mais belo que o da esposa israelita,  
Torre de graças, encantado asilo,  
Aonde o gênio das paixões habita.

O que eu adoro em ti não são teus seios,  
Alvas pombinhas que dormindo gemem,  
E do indiscreto voo duma abelha  
Cheias de medo em seu abrigo tremem.

O que eu adoro em ti, ouve, é tu'alma,  
Pura como o sorrir de uma criança,  
Alheia ao mundo, alheia aos preconceitos,  
Rica de crenças, rica de esperança.

São as palavras de bondade infinda  
Que sabes murmurar aos que padecem,  
Os carinhos ingênuos de teus olhos  
Onde celestes gozos transparecem!...

Um não sei quê de grande, imaculado,  
Que faz-me estremecer quando tu falas,  
E eleva-me o pensar além dos mundos  
Quando, abaixando as pálpebras, te calas.

E por isso em meus sonhos sempre vi-te  
Entre nuvens de incenso em aras santas,  
E das turbas solícitas no meio  
Também contrito hei-te beijado as plantas.

E como és linda assim! Chamas divinas  
Cercam-te as faces plácidas e belas,  
Um longo manto pende-te dos ombros  
Salpicado de nítidas estrelas!

Na doida pira de um amor terrestre  
Pensei sagrar-te o coração demente...  
Mas ao mirar-te deslumbrou-me o raio...  
Tinhas nos olhos o perdão somente!



## QUADRINHAS

Quando a fronte descorada  
Pende o poeta a cismar  
Murmura o vulgo insensato;  
Ei-lo mundos a forjar.

Ei-lo errando entre as estrelas,  
Roubando os raios ao sol,  
Beijando as fadas que dançam  
Sobre mágico arrebol.

Pobre vulgo! Que destino  
Dos dois é mais belo e puro,  
Sonhar à luz das esferas  
Ou dormir no vício escuro?

Adorar o ser dos seres  
Sobre as aras do ideal,

Ou beijar as frias plantas  
De uma estátua de metal?

Dizer: — é curta esta vida,  
Floco de espuma falaz,  
Quero erguer minha alma aos astros,  
Deixarei a terra aos mais;

Ou murmurar aterrado  
Perante a suprema lei:  
Por que tenho de apartar-me  
Da lama que tanto amei?...

Por mim, oh! deixa me sempre  
Nos meus sonhos adorados,  
Mais brilhantes que o prestígio  
Dos crimes condecorados.

Embora a prole de Midas  
E os levitas da mentira  
Desprezem-me, — vis, — que importa  
Não tenho acaso uma lira?...

Errarei entre as estrelas,  
Por Deus, que mais delas são  
Do que os silvos da calúnia,  
Do que a voz da adulação;

Do que as alcovas do vício,  
Sinistro, infernal painel,  
De infelizes que solução  
Vertendo prantos de fel!.

Oh! selvas de minha terra!  
Oh! meu céu de azul cetim!  
Regatos de argêntas ondas!  
Verdes campinas sem fim!

Morenas virgens dos montes,  
Anjos de graças e amor,  
Que rejeitais mil diamantes  
Por uma cheirosa flor!

Que entre risos feiticeiros  
Contemplais vossa beleza,  
A sombra dos ingazeiros,  
No espelho da correnteza!

Não vos tenho? que me importam  
Glórias de cinza e de pó,  
E entre as turbas que vozeiam  
Viver desprezado e só?

Quero correr os desertos,  
Devassar as cordilheiras,  
Matar a sede e o cansaço  
Nas águas da cachoeira.

Quero ao descer as montanhas,  
À luz que o luar espalha,  
Ouvir no vale a viola  
Soar na choça de palha.

Ver descer os lavradores  
Pelas encostas dos montes,  
Enquanto lindas, faceiras,  
Voltam as filhas das fontes;

E cantam trovas alegres,  
E folgam pelo caminho,  
No ar bebendo ofegantes  
O aroma do rosmaninho.

Quero nos ranchos à noite,

À claridão das fogueiras,  
Ouvir contar os tropeiros  
Historias aventureiras.

Quero paz, quero harmonias,  
Liberdade, inspiração,  
Que a poeira das cidades  
Me atrofia o coração.

E quando o gelo da morte  
Sobre meus olhos baixar,  
Deixem-me à sombra dum cedro  
Junto às selvas repousar.



### O GENERAL JUAREZ

Triste o dom da linguagem!... Que eu não possa  
Fundir meu pensamento  
Em duro bronze ou mármore alvejante!  
Vazar uma por uma  
As sensações que fervem-me no peito  
Aos olhares do mundo!  
Arrebatat às lúcidas esferas  
A celeste harmonia!  
Roubar à madrugada as áureas pompas!

Junto dos céus nas vastas assomadas  
Cingidas de neblinas,  
Ouvindo o eterno estrepito dos mares  
Conheceste a ti mesmo.  
Alto, mais alto que esses altos píncaros,  
Soletraste teu fado  
No pavilhão sem fim que abriga os orbes,  
E na luz te sagraste!  
Pediste a exígua estância da existência,

Viste que teu destino  
Não era semelhante aos dos mais homens  
Que nascem na mentira,  
Crescem à sombra de interesses torpes,  
Cevam-se de vaidades,  
Furtam-se ao faro augusto do futuro,  
E após ligeiro prazo  
De loucas ambições, de vícios negros,  
Legam à mãe comum  
Um punhado de cinza e de misérias,  
Inúteis até na tumba!  
Ah! se entre os filhos deste ingrato tempo  
Pôde algum reclamar  
De herói o nome, o nome de escolhido,  
Não, não será de certo  
O cruento levita do extermínio  
Que as planícies ensopa  
No sangue negro de milhões de vítimas!  
Nem o torvo embusteiro  
Que sentindo a coroa mal segura  
Abalar-se na frente,  
O tino perde, e corre devastando  
Tudo quanto o circunda.

E nem tão pouco o estólido ocupante  
De um aparente sólio,  
Onde reluz a mica em vez do ouro,  
E ganem os mastins  
Sobre os degraus molhados de saliva.  
Porém tu, Juarez,  
Tu e a sublime plêiade de eleitos  
Que na história dos povos  
Sobre montões de algema, triunfantes,  
Abrem aos seus os braços,  
E em vez de diadema e frente cingem  
De ramos de oliveira.

Quão enganada marcha a tirania!  
Quão cego o despotismo  
Paira e volteia nestas virgens plagas!  
Há no seio da América  
Um mundo novo a descobrir-se ainda:  
Senhores de além-mar,  
Quereis saber onde esse mundo existe?  
Quereis saber seu nome?  
Sondai o peito à raça americana,  
E nesse mar sem fundo,  
Inda aquecido pelo sol primeiro,  
Vereis a liberdade!

Tu a encaraste, Juarez, de perto!  
No mais fundo das matas  
Onde a mãe natureza te mostrava  
Um código mais puro  
Do que os preceitos da infernal ciência  
Cujas letras malditas  
Queimam do pergaminho a lisa face,  
Aprendeste o segredo  
Que desde a hora prima do universo  
As torrentes murmuram!  
E contemplando o ermo, o céu, as águas,  
Choraste por ser homem!

Mas dos vulcões sorvendo o fumo espesso,  
Transpondo os areais,  
Buscando asilo nas florestas amplas,  
Arrostando as tormentas  
Entre um pugilo de guerreiros bravos,  
Pejaste de legendas  
Todo o deserto que teus pés tocaram!  
E as solidões sorriam,  
Os abutres saíam de seus antros,  
As turbas dos selvagens  
Vinham surpresas se postar nos montes

Para ver-te passar!  
O espírito de um povo nunca morre.  
Não, não foram os homens  
Que sobre o globo prolongando a vista,  
Regiões escolheram,  
E formaram nações, usos e crenças;  
Não, uma oculta lei  
Disse: — ao Árabe as terras arenosas,  
Aos Germanos a neve;  
Aqui o fogo, a luz, ali neblinas;  
Nesta calmos pastores,  
Ali fortes guerreiros; sonhos, crenças;  
Lhe servem de defesa.

A ideia cresce, avulta ou se concentra;  
A índole se expande,  
Ou no âmago d'alma ruge opressa.  
Prometeu sobre o Cáucaso  
Tem por medida de seu nobre orgulho  
O fígado sangrento  
Que o pássaro roaz lacera embalde.  
Encelado dormita,  
Mas ao mover-se no abrasado leito  
Derrama sobre a terra  
Uma golfada de betume escuro  
E chamas devorantes.

De teu povo Adorado a oculta chaga  
Tu a tocaste herói!  
Quando ao ninho do pássaro soberbo  
Que as alturas devassa  
Baixa e repousa o corvo deslavado,  
E os condores implumes  
Pião de medo à sombra do inimigo,  
Também no azul dos céus  
Solta um grito de raiva, as asas bate  
E veloz como o raio



Hirto se arroja o príncipe das aves  
Ao abrigo invadido...

Como imperfeito esboço em tela imprópria,  
Como pálida rima  
Sobre confuso, insípido poema,  
A glória de uma raça  
Ninguém pôde apagar no vasto livro  
Que, pertence ao porvir.  
Embora a escravidão, guerras, flagícios  
O brilho lhe escureçam,  
Não morre uma nação, nem se aliena!  
Antes no espaço  
Mais facilmente um mundo se dissolve,  
E torna-se em poeira!

Sombras ilustres dos guerreiros mortos  
Na quadra lutulenta  
Em que a pátria limava os duros ferros

Das hispanas cadeias,  
Erguei-vos nesses campos celebrados  
Onde os tênues arbustos  
Nas noites calmas relatar parecem  
Vossos feitos sublimes;  
Vinde, a pátria vos chama, a pátria chora,  
A pátria vos invoca,  
A pátria mira Juarez, aflita,  
Soluça e pensa em vós!

Bravos da liberdade mexicana!  
Invito general!  
Olhai, olhai, não vedes a vitória?...  
Não, ao tronco gigante,  
Glória das selvas, marco das idades,  
Não deixeis que se enlace  
A parasita vil, e a seiva beba,

E sobre seu cadáver  
Cheia de vida eleve-se nos ares!  
Não deixeis que a serpente  
Sobre o jaguar enrole-se esfaimada!  
E espadece-lhe os ossos!

Mortal mais do que um gênio! se entre os brados  
De teus fortes guerreiros,  
Se entre os aplausos de teu povo grato,  
Escutares de longe  
Os pobres cantos dum poeta obscuro,  
Ah! perdoa-lhe o arrojo!  
Cegou-lhe o resplendor da liberdade,  
Sonhou irmãs e unidas  
Todas as raças das colúmbias terras!  
Cantou, aceita o canto,  
Aceita-o, no alcáçar dos potentados



## A FILHA DAS MONTANHAS

*(Elegia)*

Esta viveu no meio das montanhas.  
Foi seu passar um voo de andorinha  
Ar flor de lago azul, — seus verdes anos  
Contaram-se por flores.  
Desconheceu as sedas e os veludos,  
Finas alfaias, peregrinas joias...  
Talvez pensando no clarão dos astros  
Zombasse dos diamantes!...



## O FILHO DE SANTO ANTÔNIO

*(Canção de um devoto)*

Bem sei, criança estouvada,  
Que por artes do demônio,  
Furtaste, à noite passada,  
O filho de Santo Antônio!  
E sem medo, sem piedade,  
Cheia de um ímpio alvoroço,  
O mimo do pobre frade  
Correste a esconder no poço!  
O coração polui-se nas cidades:  
Podem ser bons os homens isolados,  
Mas se o nó social num corpo os liga,  
Meu Deus! tornam-se atrozes!  
Dobráo à lei o colo, e astutos traçam,  
Mesmo aos olhos da lei, planos do inferno;  
Peste moral de rápido contágio  
Devora-lhes as vísceras!  
Fazem da negra intriga uma ciência,  
Sabem mentir à sombra da verdade;  
E entre palavras de virtude incensam  
O demo da calúnia!...  
Feliz a virgem que repousa agora!  
Feliz mil vezes, não pisou nas praças!  
Mísera flor, o hálito das turbas  
A teria queimado!...  
Inda florescem, vede, os jasmineiros,  
Inda as rosas se embalam junto à choça  
Onde na sombra a triste mãe chorosa  
Soluça amargamente!  
  
As trepadeiras curvam-se à janela,  
Gemem no teto os pombos amorosos,  
Suspenso à porta na prisão gorjeia  
O sabiá das serras.  
Tudo isto ela adorava, e ela não vive!

E ela passou ligeira como a nevoa  
Que o vento da manhã varre do outeiro,  
E dissipa nos ares!  
Tudo isto ela adorava! Ao sol poente,  
Leda e risonha, coroada a fronte  
De rubras maravilhas, leve, airoso,  
Vinha regar as flores;  
E em meio erguida a barra do vestido,  
Saltava como a corça, ora amparando  
A hástea pendida de viçosa dália,  
Outras vezes solícita  
Bravias plantas arrancando em torno  
Dos pequenos craveiros, ou tranquila  
Contemplando os botões que se entreabriam  
À frescura da tarde.

E que sentidos cantos que cantava!  
Que ingênuos versos! Que singelas rimas!  
Tudo era amor, saudades, esperança.  
Ventura e mocidade!  
Depois a seu chamado as aves meigas  
Vinham em bando lhe brincar em torno,  
Ora pousando nos bem feitos ombros,  
Ora nas mãos mimosas  
Colhendo os alvos grãos que lhes guardava  
Sua inocente amiga, ora escondendo  
As cabecinhas lânguidas nas ondas  
De seu basto cabelo!  
Pobres filhos do ar! Ela está morta!  
Ela está morta a virgem das montanhas!  
Chorai, chorai, os gênios de além-mundo  
Levaram-na consigo!  
Olhai! Seu rosto como é belo ainda!  
Que suave expressão nos lábios calmos!  
Longe de amedrontar-se ao ver a morte  
Parece que sorria!

Ali junto à palmeira está seu leito,  
Sem adornos, sem pompa e sem grandeza;  
A virgem dormirá livre do fardo  
De um mármore pesado.  
A virgem dormirá sem o zumbido  
De torpes vates, de oradores torpes;  
Poderá descansada ouvir os cânticos  
Dos anjos pelo espaço!  
No silêncio da noite as nuvens brancas  
Desceram sobre a leiva consagrada;  
O orvalho das manhãs será tão doce  
Como o pranto fraterno.  
Feliz a virgem morta nas montanhas!  
No ermo despertou, dorme no ermo!  
hálito empestado das cidades  
Não maculou-lhe a vida!  
Como a límpida gota que dos ares  
Cai no seio da flor e aos ares volta,  
Sua alma pura em santa luz banhada  
Volveu para o infinito.  
Me vergava soluçando,  
Prestava culto à mulher.

Tens razão, por grata estrela  
Tomei teu brilho falaz,  
Sinistra luz da procela,  
Círio das horas fatais!  
Segui-te através de enganos,  
Cheio de sonhos insanos,  
Cheio de amor e de afã!  
Sombra de arcanjo caído!  
Busto inda quente, incendiado  
Pelos beijos de Satã!

Na fronte cor de açucena  
Tinhas brilho sedutor,  
Mas eras qual essa flor,

Cujo perfume envenena!  
Tinhas nos olhos brilhantes  
Os reflexos cambiantes  
De uma aurora de verão,  
Mas como a charneca escura  
Só podridão, lama impura,  
Guardavas no coração!

Na negra esteira dos vícios  
Que os descaídos formaram,  
Teus funestos artifícios  
Iludido me arrojaram!  
Amei-te, amar foi perder-me!  
Foi beijar da terra o verme  
Crendo o Deus da vastidão...  
Em vez do sol que buscava,  
Louco afoguei-me na lava  
De medonho, atroz vulcão!

Da vida estraguei por ti  
Das quadras a mais risonha;  
Mas hoje sinto a peçonha  
Que nos teus lábios bebi!  
Arrepende-te, Chiquinha,  
Vida minha,  
Minha linda tentação!  
A divindade perdoa,  
Terna e boa,  
Os erros do coração.

Ah! que fizeste, insensata?  
Demo gentil, que fizeste?  
Por causa de um'alma ingrata  
Tu'alma pura perdeste!  
Tira depressa a criança  
Do frio asilo onde está,  
Tem nos santos esperança,

Que teu amor voltará.

Ainda é tempo, Chiquinha,  
Rola minha,  
Minha rosada ilusão!  
A divindade perdoa,  
Terna e boa,  
Os erros do coração.

Acende uma vela benta  
Junto ao santo que ofendeste,  
Lançando a mão violenta  
Contra o pirralho celeste.  
Leva-lhe linda toalha  
Cheia de finos bordados,  
Talvez a oferta te valha,  
O olvido de teus pecados.

Não te demores, Chiquinha,  
Trigueirinha,  
Que teus por cetro a paixão!  
A divindade perdoa,  
Terna e boa,  
Os erros do coração.

E quando alcançado houveres  
A remissão, minha vida,  
Mais formosa entre as mulheres,  
Vem mimosa arrependida,  
Vem que o santo receoso  
De novo furto, quiçá,  
Velará por teu repouso,  
Nosso amor protegerá!...

Não percas tempo, Chiquinha!  
Glória minha!  
Minha dourada visão!...

A divindade perdoa,  
Terna e boa,  
Os erros do coração.

---

## AS LETRAS

Na tênue casca de verde arbusto  
Gravei teu nome, depois parti;  
Foram-se os anos, foram-se os meses,  
Foram-se os dias, acho-me aqui.  
Mas ai! o arbusto se fez tão alto,  
Teu nome erguendo, que mais não vi!  
E nessas letras que aos céus subiam  
Meus belos sonhos de amor perdi.

---

## O ARREPENDIMENTO

Tens razão: já, soberana,  
Viste-me curvo a teus pés!  
Alma que do mal se ufana,  
Tarde conheço quem és!  
Mas a imagem que eu buscava,  
Por quem meu ser suspirava...  
Nem pressentiste sequer,  
Quando uma fada invocando  
Me vergava soluçando,  
Prestava culto à mulher.

Tens razão, por grata estrela  
Tomei teu brilho falaz,  
Sinistra luz da procela,  
Círio das horas fatais!  
Segui-te através de enganos,



Cheio de sonhos insanos,  
Cheio de amor e de afã!  
Sombra de arcanjo caído!  
Busto inda quente, incendiado  
Pelos beijos de satã!

Na frente cor de açucena  
Tinhas brilho sedutor,  
Mas eras qual essa flor,  
Cujo perfume envenena!  
Tinhas nos olhos brilhantes  
Os reflexos cambiantes  
De uma aurora de verão,  
Mas como a charneca escura  
Só podridão, lama impura,  
Guardavas no coração!

Na negra esteira dos vícios  
Que os decaídos formaram,  
Teus funestos artifícios  
Iludido me arrojaram!  
Amei-te: amar foi perder-me!  
Foi beijar da terra o verme,  
Crendo-o deus da vastidão...  
Em vez do sol que buscava,  
Louco afoguei-me na lava  
De medonho, atroz vulcão!

Da vida estraguei por ti  
Das quadras a mais risonha;  
Mas hoje sinto a peçonha  
Que nos teus lábios bebi!  
Em meio de minha idade  
Tenho n' alma a soledade,  
Na frente o gelo eternal;  
Sinto a morte nas artérias,  
E ao medir minhas misérias

Me orgulho de ser mortal!

---

**ACUSMATA**

*(Fragmento)*

POETA

Como se arrasta lentamente o tempo!  
Como tarda o repouso! Como pesa  
Sobre a lívida frente do poeta  
Esta brônzea cadeia de agonias  
Que chamamos a vida! Este motejo

Lancinante da sorte que resume,  
Contraditória, atroz, inexorável,  
Em dias contingentes de existência,  
A eternidade de um sofrer sem nome!

Meia-noite! Hora fúnebre e tremenda!  
Férreo vibrar de ríspido martelo  
Que os demônios acorda, e as larvas ergue  
Nos dormitórios úmidos da morte.  
Lugar comum dos bardos da descrença!  
Momento de terror, risos, facécias,  
Remorsos e pesar! Instante, augusto  
Em que Ela desce muita vez das nuvens  
E vem sentar-se de meu leito à borda!

Quero chorar. Mas não, não, que meus olhos  
Têm pudor, não chorão! E contudo  
Sinto-os num mar de lágrimas perdidos!  
Sinto que o pranto sobe-me do seio!  
Sinto que o pranto desce-me do cérebro!  
Sinto que o pranto escalda-me as retinas!  
Sinto que fui feliz, e nessa quadra  
Nem tristezas cantei, nem amarguras,

Mas Deus, a vida, a mocidade e a glória!

Detesto a escola fúnebre, e mentida,  
De gordos desditosos que padecem  
Os revezes da sorte em lauta mesa.  
Detesto os cantos cétricos, descrentes,  
De rosados ateus, sábios efêmeros,  
ímpios provocadores da desgraça.  
Detesto-os, porque sofro, e sofro muito,  
Porque suporto um peso de misérias,  
Tão grande que roxeia-me as espáduas!

Da natureza às múltiplas facetas  
Tenho um plano pedido, onde, traçada  
Veja nova existência; ao belo, à arte,  
Mesma suplica hei feito; ao movimento,  
Aos labores mais duros, aos trabalhos

Mais ásperos da vida, hei mendigado  
Uma nuvem de paz, um véu de olvido!  
E tudo é mudo! que me resta agora?  
O sossego da morte, a cinza, o nada!...

Morrer... cair... mudar... deixar o asilo  
De uma prisão de carne e de misérias  
Por um mundo ignoto! Aos ventos soltos  
Desprender os andrajos derradeiros  
De uma sórdida veste, e desnudado  
Tiritar nos desertos do invisível!  
Arrancar da esperança o último broto!  
Deixar a própria dor que obstinada  
Há temido a razão milhões de vezes!...

E no entanto eu tenho a noite n'alma!  
E o descampado horrendo, estéril, vasto,  
Há sucedido ao gênio que acendia  
As fibras de meu crânio!... — Se contudo

Uma réstia de luz brilhasse ao menos!  
Se uma voz me falasse! Se uma gota  
Das lágrimas que vertes por meu fado,  
Anjo de piedade e de candura,  
Me tombasse no seio, então quem sabe!...

Mentira! tudo é quedo, imóvel, frio!  
vento passa, os espinheiros gemem  
Torcendo os galhos secos, dir-se-ia  
Que ameaçam as nuvens! Bem, morramos,  
Tem belezas o pó, sonhos a tumba,  
E a morte que os estultos amedronta  
Brotou a meus olhos pensativa e meiga;  
Coroadas de flores mais formosas  
Que as tristes rosas dos jardins dos homens!

#### VOZES NO ESPAÇO

Somos a ideia, o sentimento, a essência  
Da criação inteira; a íntima nota

De quanto brilha, corre, canta e chora;  
Somos o fluido eterno, que circula,  
Envolve o globo, os seres, e penetra-os  
De um infinito amor; somos a cítara.  
Onde o sopro de Deus roça inflamado,  
E sacode no espaço a paz aos homens  
Num turbilhão de notas amorosas.

#### POETA

Quem o sentido revelar pudera  
Desse rumor confuso, imenso e vago,  
Que se eleva da terra, semelhante  
Ao rressonar dos gênios adormidos?  
E o prazer que fala ou a tristeza?  
Reflete, sente o globo, ou condenado  
A cruento penar, delira e geme,

E se desfaz em pragas horrosas?  
Ah! mistério tremendo! Ah! fundo arcano!

### AS ÁRVORES

Por que te afliges, misero poeta?  
Não nos conheces mais? — Olha, contempla  
E nestes troncos ásperos, nodosos,  
Verás feições amigas. Nesta queixa  
Que de nossas folhagens se desprende,  
Escutarás de novo o meigo timbre  
De teus sócios de infância. Nesta sombra  
Que alongamos do chão, verás o leito,  
Onde, tantos momentos, repousaste.

Ah! eras belo nesse tempo! A aurora  
Tinha-te posto toda a luz nos olhos!  
Quando passavas, teu caminho ledo  
De frescura e de folhas alfombrávamos!...  
E tu partiste ingrato, e tu partiste!  
E trocaste o sossego do deserto  
Pelo fulgor das salas dos palácios!

Pelos fingidos risos da mentira!  
Pela voragem negra onde soluças!...

### AS FLORES

Somos dos astros amorosas noivas,  
Cada noite uma estrela nos envolve  
Na teia luminosa, e nos transporta  
A seu fúlgido leito. À madrugada  
Fugimos de seus braços, e medrosas  
Caímos sobre os campos. Nossos seios  
Trazem ainda o aroma dos cabelos  
Dos celestes esposos; nossas faces  
Estão rubras ainda de seus beijos.

Andróginas do éter, a desgraça  
Nos dividiu nos primitivos tempos:  
Uma parte fulgura entre as estrelas,  
Outra desceu à terra, e suspirosa  
Cada noite meneia a débil fronte,  
Mirando o Armamento. Um doce pranto,  
Um pranto repassado de saudades,  
Vem nos banhar o aveludado colo.  
Que divina volúpia nessas lágrimas!

Poeta, a trepadeira solitária  
Que se enrosca lasciva ao duro tronco  
Do cedro secular; a flor guardada,  
Entre os galhos do ipê, nas grossas folhas  
De alpestre parasita; a mole acácia;  
O manacá cheiroso que se ostenta  
À beira d'água, pensativo e triste;  
Os festões do ingazeiro e as açucenas,  
Todas te amavam, te adoravam todas!

Nunca fomos ciosas! Muitas vezes,  
Brutal, nos trucidaste sem piedade  
Para adornar as frentes suarentas  
De grosseiras amantes! Muitas vezes,  
Distraído vagando, nos pisaste,

Como torpe animal! Porém que importa?  
Se outras vezes choravas debruçado  
Beijando-nos o seio? Se outras vezes  
Tinhas tanta poesia a repetir-nos?

Ai! um dia esperamos-te de balde!  
Tinhas partido, ingrato! Abandonaste  
Nossa beleza cândida e modesta  
Por essas sombras doentias, pálidas,  
Que entre os lustres do baile se evaporam!  
Por essas múmias sensuais que pejam

As alcovas de sórdidas pocilgas!  
Pela morte encoberta e mascarada!  
Pela lepra insanável de tua alma!

Se tivesses ficado, oh! cada noite  
Uma de nós se erguera embalsamada  
Para as lendas contar de nosso reino!  
Não o quiseste, doido, agora é tarde;  
E se ainda voltasses, a amargura  
Nos faria murchar, cair sem vida,  
A fim que o viandante nos tomasse  
Para tecer a coroa derradeira,  
A coroa derradeira que te resta!

### O RIO

Sobre dourada areia desenrolo,  
Soberano do vai, meu régio manto;  
Os passarinhos namorados cantam  
Nas figueiras bravias; chora o vento  
Nos densos taquarais... — Mas ah! poeta,  
Não mais te vejo, nem te escuto ao menos  
Da louira Grécia as náíades chamando!  
Nem a meus flancos murmurando idílios!  
Nem sobre as águas a guiar teu barco!

Que fizeste, infeliz! Gênio bendito,  
Eu te devera encaminhar no mundo!  
Quando à tépida luz de amenas tardes,

Cantavas, sobre as rochas inclinado,  
Quantas promessas te não fiz! Que planos  
Desvendei a teus olhos cintilantes!  
Eu que te vi nascer e que te amava  
Como a rola ao deserto, à flor a abelha,  
E os pintassilgos aos vergéis floridos!

E desprezaste a virgem que eu fadei-te,

Pura, mais pura que as estrelas todas!  
Cortaste o fio do dourado drama  
Que no silêncio místico das noites,  
Pensando em ti, tracei, esmando o espaço  
De um brilhante porvir! Lírios e rosas,  
Tudo pisaste no delírio insólito  
De uma febre insensata! Desditoso!  
O que te resta agora? O que te resta?

#### A ESTRELA VÉSPER

Tudo repousa, as folhas da centáurea  
Tremem de frio à beira do caminho,  
Dobram-se os juncos nas lagoas negras,  
E os vagalumes do deserto pasmam  
À mansa luz que entorno sobre os campos.  
Por que não vens inspirações pedir-me,  
Sonhador de outras eras? Por ventura  
Meu suave clarão não é tão belo  
Como ao começo de teus verdes anos?

#### NUMA CHOÇA DE PALHA

Escutai os arpejos da viola,  
São mais sentidos que o soprar do vento  
Beijando a medo os arrozais viçosos;  
Prestai ouvido à voz do sertanejo,  
Que ela fala de amor, e a patativa  
Nunca nos matagais gemeu tão triste!  
Filhas da serrania e das campinas,  
Adornai-vos de rubras maravilhas,  
Vinde, que a noite avança e o céu desmaia!

#### ESPÍRITOS NA ATMOSFERA

Sacudi o sudário, errantes sombras,  
Róseos espectros, lêmures da infância,  
Fantasmas louros de ilusões perdidas!  
Dançai, cantai nos planos luminosos  
Que o íris cerca de brilhantes cores l



Chamai as fadas, e as ondinas leves,  
Desperta nos palácios encantados  
As princesas que dormem por cem anos!  
Vinde fazer a orgia da saudade!

#### POETA

Oh! se não fosse um sonho! Se das trevas  
Do sombrio passado inda pudesse  
As almas evocar de tantos seres!  
Se esta prisão de argila e de misérias  
Não vedasse-me o voo! Se do livro  
Onde flameja a lúgubre sentença  
Eu pudesse rasgar uma só folha,  
Uma só, grande Deus! Talvez lograsse  
Todos os males apagar que hei feito!

#### NO ESPAÇO

Cumpre teu fado nesse mundo ingrato.  
Eu também caminhei, hoje descanso  
Dos eleitos de Deus no vasto império!  
Não se afastam de ti meus olhos ternos.  
Manchou-me o pó da terra, a luz das luzes  
Deu-me nova existência ao pé dos anjos.  
Como te amei outrora, amo-te agora,  
Furta ao lodo tu'alma, olha as alturas,  
E do empíreo no azul verás meu rosto!

#### POETA

Donde parte esta voz? De que recinto  
Misterioso, oculto, me dirige  
Tão suaves concertos? Porventura  
Além do Armamento, além dos astros  
Uma plaga de paz e amor existe?  
Onde está ela?... a mente se me abrasa!  
Por toda a parte só matéria vejo,  
Luzes, vapores, ar, globos, esferas,  
Mundos e mundos, sempre cheio o espaço!

Onde repousa o sólio do invisível?  
Onde se abriga o sopro imponderável  
Que anima os corpos dos mortais na terra?...  
Se as rédeas solto à fantasia ardente,  
Ela abandona o pó, transpõe as nuvens,  
Vence as estrelas, deixa o sol e o éter,  
Arroja-se atrevida no infinito,  
E nada encontra além do eterno abismo!  
Nada! e no lodo engolfa-se de novo!

Perdão, perdão, meu Deus! Busco-te embalde  
Na natureza inteira! O dia, a noite,  
O tempo, as estações, mudos sucedem-se,  
E se falo de ti mudos se escoam!  
Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma!  
Da consciência ao fundo eu te contemplo!  
E movo-me por ti, por ti respiro,  
Ouço-te a voz que o cérebro me anima,  
E em ti me alegro, e choro, e canto e penso!

Na natureza inteira que aviventas  
Todos os elos a teu ser se prendem,  
Tudo parte de ti, e a ti se volta;  
Presente em toda parte, e em parte alguma,  
Íntima fibra, espírito infinito,  
Move, potente, a criação inteira!  
Dás a vida e a morte, o olvido e a glória.  
Se não posso adorar-te face a face,  
Ah! basta-me sentir-te sempre, e sempre.

Eu creio em ti, eu sofro, e o sofrimento  
Como ligeira nuvem se esvaece  
Quando repito teu sagrado nome!  
Eu creio em ti, e vejo além dos mundos  
Minha essência imortal brilhante e livre,  
Longe dos erros, perto da verdade,

Branca dessa brancura imaculada  
Que os gênios inspirados, nesta vida  
Em vão tentaram descobrimos mármore.



## A SEDE

### I

Cada vez mais possante e mais robusta  
Bramia audaz a insurreição nascente  
No coração do México. As colinas  
Tornavam-se tremendas fortalezas,  
Transbordavam as selvas de guerreiros  
E as grutas de armamentos... A alvorada  
De dia em dia seu clarão furtava  
A milhares de seres, e o silêncio  
Das noites estivais não mais cobria  
A face desolada dos desertos,  
Onde vencido e vencedor rugiam  
Ensofando de sangue o chão revoltado.  
As moças aldeãs tinham perdido  
Seu riso jovial, e recolhidas,  
Em torno ao triste lar, cheias de luto,  
Deslembravam seus cantos prazenteiros  
Para chorar a morte dolorosa  
Dos pais ou dos irmãos. O céu brilhante,  
O próprio céu da terra americana  
Não mais sorria aos campos devastados.

### II

Vinha descendo a noite, trega noite  
De pavores e sustos. Na planície  
Que entre Anelo se estende e entre Monclova  
Soam confusas vozes, brilham lumes,  
Cruzam-se à chama rubra das fogueiras  
Vultos inquietos. O rumor aumenta-se,

Novas figuras erguem-se do solo;  
Tinem espadas; ameaças troam,  
E um só clamor se entende pelo espaço  
Os ecos acordando: “Temos sede!  
Dai-nos água por Deus!” Então da sombra  
Um homem se destaca; seus olhares  
São calmos e tristonhos, o sorriso  
Forçado de seus lábios anuncia  
Mal disfarçada mágoa, tem nos braços  
Uma tenra criança. “Ouvi, meus filhos.  
Disse com voz serena, aqui vos deixo  
Este anjinho em penhor; se à madrugada  
Não tiverdes matado a sede ardente  
Fazei o que pensardes. Sobre a terra,  
Único leito que ao guerreiro livre  
O Senhor permitiu, sofre sem queixas  
Minha esposa infeliz! E vós, guerreiros,  
Vós que lutais em prol da liberdade,  
Que a pátria defendeis, vergais o colo,  
Servos de vergonhoso desespero!”  
Assim dizendo, sobre a fria areia  
A criança depôs. “Não! não! bradaram  
Enternecidas vozes, o inocente  
Deve ao lado dormir da mãe que o adora!  
Confiamos em vós, depressa a noite  
A terra deixará.” E pouco a pouco  
Foi-se afastando a turba de seu chefe,  
Que a passos lentos se perdeu na sombra  
Agasalhando ao seio o pobre filho.

### III

Junto de estéril céspede inclinada,  
Sobre grosseiro manto, se desenha  
Um vulto de mulher; ao lado dela  
Dois guerreiros vigiam. Pensativo  
Vem se sentar o chefe a poucos passos.  
Após um meditar de instantes curtos,

“Valdivia, diz, encontrarás cem homens  
Dedicados e fortes, que nos sigam,  
Entre essa pobre gente que delira?  
— Sim, responde Valdivia, o destemido,  
Valente lutador, de brônzeos músculos,  
Alma de herói em corpo de granito;  
Sim, e o primeiro sou!” A estas palavras  
outro guerreiro levantou-se rápido.  
“E também eu, meu pai,” disse abraçando  
resoluto chefe. “Bem, agora  
Trata de os avisar, um só momento  
Não devemos perder. O Rei das Sombras  
Que venha ter comigo.” Os dois guerreiros,  
Quais dois raios partiram. Triste o chefe  
Voltou-se à triste esposa, e lhe depondo  
Um frio beijo sobre a fronte fria,  
Deitou-lhe ao lado o misero filhinho.  
“Minha pobre Evelina, que fadário  
Lutulento é o nosso!” Disse, e a sócia  
De seu fundo sofrer, vendo-lhe os olhos  
Num véu de acerbos lágrimas envoltos,  
Lançou-lhe ao colo os braços amorosos,  
Chorou com ele o pranto do infortúnio.

#### IV

Também no seio deste mundo virgem  
Há desertos terríveis, flagelados  
Por um sol implacável. Vastos mares  
De areia movediça se desdobram  
Até perder-se além nos horizontes.  
Nem uma gota d’água nesses ermos!  
A noite lhes negou seu fresco orvalho,  
E as chuvas do verão fugir, parecem  
A seu hórrido aspecto. Desditoso  
Do viandante que o roteiro perde  
Nessas paragens lúgubres malditas!  
Contudo às vezes junto a ingrata moita

De ressequido cactos se levantam  
De uma cisterna os lábios: são lembranças  
Que deixarão, quem sabe, errantes hordas  
Ou mãos piedosas de piedosos seres  
Que nessas plagas muita vez sentiram  
martírio de Agar nas soledades.  
Mas nem restava este recurso ao menos  
Ao desditoso chefe! as tropas bárbaras,  
Mais bárbaras que os bárbaros d'outrora,  
Tudo entulhado haviam! Dias quatro  
Da liberdade os bravos combatentes  
Suplicio da sede suportavam!

## V

“Eis-me aqui, general!” a poucos passos  
Uma voz murmurou rouquenha e surda,  
E um vulto adiantou-se. “Rei das Sombras?  
Sim.” Era um homem de estatura hercúlea,  
A dúbia frouxa luz que das fogueiras  
Mal clareava a cena, sobre o dorso  
Batia-lhe fugaz, como nos músculos  
De uma estátua de cobre a claridade  
Das solitárias lâmpadas de Brahma.  
O Rei das Sombras atrevido nome,  
E contudo feliz. Da selva os filhos,  
Homens de rubra tez, negros cabelos,  
Ágeis no jogo da ligeira seta,  
Amam da língua as pompas; o deserto  
E seu vocabulário, e que belezas  
Não encerra o deserto! O Rei das Sombras  
Tinha nascido à sombra das folhagens  
Das matas primitivas, como as aves  
Livres, e como a amplidão; mais tarde o acaso  
Fê-lo deixar seus paços de verdura  
Para seguir o aventureiro ofício  
De guiar no deserto os viajores.  
Tinha talvez de idade doze lustros.

Ninguém mais destro, mais sagaz, mais fino  
Em descobrir os rastos do inimigo,  
Vencer perigos, prevenir os fatos,  
E até, diziam, predizer aos homens  
Os arcanos vendados do futuro.

## VI

Ao Rei das Sombras dirigiu-se o chefe.  
“Disseste que a seis horas de caminho  
Uma fonte acharíamos? — Eu disse,  
General, mas um bando de inimigos  
Velam aí, traidores como as serpes!  
Em deserta fazenda, circundada  
De erguidos muros, seu quartel formaram;  
A cada instante em torno as sentinelas  
Gritam rondando. — Não importa, a morte  
Será menos cruel aos golpes deles  
Do que nas ânsias desta sede insólita  
Que as entranhas nos róí! Prepara as armas,  
Consulta a noite e os ventos, e conduze-nos.  
Já dos cavalos as passadas ouço.”

## VII

Partira o chefe e o grupo de guerreiros.  
Por entre as nuvens as estrelas mórbidas  
Vertiam sobre a terra sonolenta  
Seus últimos clarões. Os horizontes  
De uma cor violácea se tingiam,  
E amplos areais, tredos, imóveis,  
Esperar pareciam tristemente  
O dúbio riso de uma aurora enferma.  
Tudo dormia; o lume das fogueiras  
Sob um sudário de ligeira cinza  
Parecia também, meio abafado,  
Dormir sobre os tições... Oh! Deus! que alívio  
Não deste aos seres nesta irmã da morte,  
Rimada noite, que se chama o sono!

Evelina acordou sobressaltada:  
“Escuta, disse ao filho que ficara  
Por mandado do chefe; escuta, filho,  
Disse ao moço guerreiro, tive um sonho,  
Cheio de horror e cheio de presságios!  
Punha-se o sol, um turbilhão de fumo  
Cobria o descampado, em seu cavalo  
Galopava teu pai a toda brida  
Em direção a nós; e no entanto,  
Bem longe de alegrar-me, dentro d'alma  
Uma pungente dor me lacerava!  
Depois vi-me a mim mesma, em meus cabelos  
Sangue gotejava, um véu de morte  
Empanava-me os olhos desvairados,  
E corri a encontrá-lo; quando perto  
Os braços lhe estendia, agudo grito  
Escapou de meu peito, e sobre a terra  
Cai fria e sem forças o inditoso  
Não tinha mais nos ombros a cabeça!”  
O mancebo pensava; nesse quadro  
Confuso, incoerente, pressentira  
Sinistros laivos de uma atroz verdade.

## VIII

Em breve no oriente o rei dos astros  
Foi-se mostrando aos poucos. Os guerreiros  
Ergueram-se bradando: “O sol desponta,  
Vamos buscar o chefe; é vinda a hora  
Da promessa cumprir.” Mas quando junto  
Chegaram do lugar onde a família  
Do chefe descansava, e em vez do chefe  
Só encontraram Evelina aflita,  
O moço pensativo e a criancinha  
Chorando fracamente, em altas vozes:  
“Traição! traição! bradaram, pague o filho  
Pela infâmia do pai! Sim, disse um índio  
De turvo olhar e feia catadura;



Vede, o infame traidor levou consigo  
Cem traidores guerreiros; vede, amigos  
Quantos de menos entre nós se contam!  
– Traição! vingança!” vozeou a turba,  
E como a vaga infrene que se atira  
De uma ilha isolada às ermas praias  
Avançou para as vítimas rugindo.  
“Ninguém se chegue, escutem-me primeiro!”  
Disse o moço apontando os brônzeos canos  
Das armas que trazia à onda viva  
Raivosa dos rebeldes. O silêncio  
Estendeu-se um momento onde soara  
Há pouco a tempestade. “Eu também juro  
Sobre minh'alma, sobre minha vida,  
Que sereis satisfeitos. Bravos, animo!  
Deixai que em meio céu o sol fulgure,  
Se meu pai não voltar...” Esta proposta  
Não contentou a turba; no entanto  
Ela calmou-se um pouco, e dispersada

Sobre a areia dos ermos esperava  
Que fulgurasse o sol, o sol do meio dia.  
Esse instante chegou, não veio o chefe!

## IX

Mas entre nuvens de poeira ao longe  
Assoma um cavaleiro; denso nimbo  
Que os aquilões fustigam pelo espaço  
Não corre mais ligeiro. Tem o corpo,  
Do valente animal pendido às crinas,  
Mas o curvado e musculoso dorso  
Brilha aos raios do sol como os relevos  
De um escudo de ferro. “O Rei das Sombras!”  
Todos bradarão prolongando a vista.  
Em breve ele alcançara o acampamento.  
“Filhos da liberdade! eia marchemos!  
Ofegante exclamou, que nosso chefe

Luta como um herói por vossa, causa!  
Ah! de nossos irmãos apenas restam  
Quarenta bravos, tudo o mais é morto  
Aos golpes impiedosos dos tiranos  
Que laceram a pátria. Eia guerreiros!  
Sem vosso auxílio o general sucumbe!  
— Vamos! vamos! em marcha! grita o moço.  
— Em marcha! diz a turba.” Num momento  
A multidão moveu-se como as vagas  
Por alto mar nas horas de borrasca.  
E as carretas pesadas se abalaram  
Sobre as quentes areias, e o deserto  
Viu sem saudade os hospedes partirem.

## X

Tinha-se posto o sol, mas o ocidente,  
Tinto de rubra cor, sobre as planícies  
Derramava um clarão sinistro e feio.  
As altas rochas, os grosseiros cardos,  
Erguiam-se fantásticos, imóveis,  
Ora como sepulcros solitários,  
Monumentos estranhos de uma raça  
Que nunca os homens virão; ora um grupo  
De informes criaturas imitando;  
Ora disperso turbilhão de espectros  
No vasto chapadão cismando quedos  
À luz sangrenta de um vulcão sem fundo.  
Os guerreiros marchavam. Pouco a pouco  
Menos estéril se mostrava o solo,  
E as rochas mais escassas. Firme terra,  
Em vez de areia movediça, os passos  
Dos corcéis repetia; os arvoredos  
Pareciam surgir como prodígios  
Aos olhares da tropa sequiosa.  
De repente um rumor confuso e vago  
Fez-se ao longe escutar. O Rei das Sombras  
Deteve-se e falou: “Estamos perto,

Esperai-me tranquilos neste sitio,  
Vou ver o chefe, num relance d'olhos  
De novo me acharei a vosso lado.”  
Inda bem não findara estas palavras  
Quando um ruído estranho, discordante,  
Mistura de gemidos e blasfêmias,  
Galopar de corcéis, tinir de espadas,  
Soou na solidão. “Silêncio! clama  
Prestando ouvido o índio valoroso;  
Silêncio!” E mais veloz do que a pantera  
Ao chão saltou, e as ramas afastando  
Cauto se adiantou. Nesse momento  
À pequena distância as folhas rangem  
Sob rude tropel, retumba o solo  
E um cavalo se arroja esbaforido  
Junto à tropa ansiosa; sobre os lombos  
Sustentava um guerreiro, e esse guerreiro  
Era o mísero chefe. O desditoso  
Tinha do tronco a fronte separada!  
Dos cem valentes que levou consigo  
Nenhum, nenhum restara! Muitos deles,  
À cauda dos cavalos amarrados,  
Deixavam no deserto atrás do chefe  
Um rastilho de sangue sobre o solo!

## XI

As tropas do inimigo estavam perto!  
Estavam perto as tropas do inimigo!  
Bando feroz as vítimas seguira!  
E riam-se e zombavam!

Bravos da independência mexicana,  
Não há palavras na mundana língua  
Que pinte a raiva desses homens livres  
Vendo do chefe o mutilado corpo!  
As massas monstruosas que rebentam  
Das cimeiras dos Andes; as torrentes

Que no seio do abismo se despenham;  
O furacão que arrasa as soledades;  
O raio, a tempestade, a própria morte,  
Tão cruentos não são, não são tão negros,  
Nem tanto estrago no deserto hão feito  
Como a explosão da fúria sanguinária  
Daqueles bravos ébrios de vingança!  
Duzentos homens sobre o chão caíram  
Sob a espada dos livres! “À fazenda!  
filho do finado, o novo chefe,  
Gritou enfebrecido. — Sim! bradaram,  
À fazenda! à fazenda! É morto o chefe,  
Conduza-nos o filho em lugar dele!”

## XII

Sombrias nuvens pelo espaço rolam,  
Ora vendando a face das estrelas,  
Ora deixando-as cintilar mais vivas,  
Mais fulgentes ainda, sobre a espessa,  
Basta melena dos bulhões medonhos.  
Inquieta a noite vai, raivosos ventos  
Passam roubando às árvores as folhas,  
E em tredos silvos vão perder-se ao longe  
No imenso da soidão. De instante a instante  
Um lampejo sulfúreo os ares corta  
Aclarando o deserto que repousa  
Da branca areia no sudário imenso.  
O vulto tenebroso extenso e lúgubre  
Da lúgubre fazenda se levanta,  
Ostentando as muralhas gigantescas  
Aos olhares dos bravos combatentes.  
Bradam de instante a instante as sentinelas,  
Os inimigos velam ressentidos  
Da refega da tarde, talvez temem  
A surpresa dos livres. Bravos somos,  
Bravos, e muitos, diz o moço chefe;  
Muitos e sequiosos; avancemos;

Vedes esse portão? E necessário  
Em pedaços fazê-lo; vamos, vamos,  
O momento é propício... — Não, reflete,  
A distância medindo, o Rei das Sombras;  
Fique a metade aqui dos assaltantes,  
Busque a outra escalar os altos muros;  
Quando dentro estiverem da fazenda  
Seja dado um sinal, então por terra  
Lançai vós outros o portão maldito  
Aos golpes dos machados. Bravos somos,  
Há dito o chefe, bravos nos mostremos,  
Libertemos a pátria! — Combatentes,  
Disse uma voz enérgica, mas doce,  
Acerba, mas sonora, a poucos passos  
Erram vinte guerreiros, são soldados  
De livre capitão, eles não tardam  
Em reunir-se a nós, inda um momento  
Retardemos o ataque. Era uma estranha,  
Contudo bela imagem de guerreiro  
Quem assim se expressava; tinha aos ombros  
Uma curta espingarda, espada ao lado,  
Mas de mulher as vestes lhe cobriam  
O corpo airoso, e nos fogosos olhos,  
Onde os prazeres habitar deveram,  
A vingança brilhava: era Evelina!

### XIII

“México e liberdade! dentre as sombras  
Uma voz murmurou pausada e firme.  
— México e liberdade! repetiram  
Erguendo-se os guerreiros. — Vinde, vinde,  
Disse Evelina apresentando ao filho  
O novo companheiro. — Vinde, vinde,  
Repete o moço chefe adiantando-se,  
Há muitos dias que aqui estais? — Há quinze,  
O capitão responde. — Haveis sofrido?  
— Perda de bravos, privações sem nome!

— Pois bem, é hoje o dia da vingança.”  
E assim dizendo o plano comunica  
Do ataque da fazenda ao chefe amigo.  
“Ocorre-me uma ideia, este pondera,  
Tenho uma peça, munições e balas,  
Mas falta-me a carreta, se possível  
Fosse trazê-la a descobrir um meio  
Desta falta sanar... — É grande a peça?  
Uma voz perguntou. — Não muito grande,  
Chefe lhe responde. — Quantos homens  
São mister para erguê-la? — Cinco. — Vamos,  
Prossegue a mesma voz grave e segura,  
Eu farei a carreta.” Era Valdivia,  
Que o morto chefe dispensado houvera  
Quando havia partido; era Valdivia,  
hércules da tropa, quem falava.

#### XIV

Pouco tempo depois estava a peça  
No meio dos guerreiros. “Mãos à obra,  
Disse o chefe mancebo, o Rei das Sombras  
À frente de cem fortes combatentes  
Busque os muros vingar e introduzir-se  
No pátio da fazenda; e nós, amigos,  
Nós trataremos do portão; é tempo,  
A peça examinemos sem demora.”  
Assim dizendo à formidável porta  
Em vão tentavam do canhão mortífero  
As fauces apontar; em vão, a terra  
Em torno das muralhas levantada  
Protegia o recinto, era forçoso  
Erguer do solo o bélico instrumento,  
Pô-lo do ponto desejado ao nível.  
Houve um momento de silêncio. “Agora  
O que havemos fazer? diz o mancebo,  
Que partido tomar? — Sempre o da luta,  
Responde-lhe o colosso; o Rei das Sombras

Que siga seu destino com seus bravos,  
Chamai dez homens, soerguei a peça  
Eu serei a carreta! — Tu, Valdivia!  
— Eu sim, eu mesmo,” e sobre o chão cravando  
Os joelhos e as mãos, falou de novo:  
“Tragam a peça e amarrem-na nas costas!”  
Em breve dez guerreiros reforçados  
Nos rijos lombos do robusto atleta  
O canhão colocaram, duras cordas  
Em torno da cintura lhe passaram  
A fim de bem suster o enorme peso.  
herói nem se moveu. “Agora, amigos,  
Carregai este monstro até a boca,  
Apontai ao portão, fogo!” Os guerreiros  
Que deviam seguir o Rei das Sombras  
Tomaram seu caminho, e o moço chefe,  
Ora fazendo-se inclinar a peça  
Nos ombros de Valdivia, ora elevando-a,  
Fez carregá-la, examinou a mecha,  
Apontou ao portão, e resoluto  
Acendendo o morrão: “É tempo! disse,  
Animo, bravo!” E a mecha incendiou-se,  
Rugiu o bronze, vomitou seu raio,  
E levantando a frente o homem carreta  
Sorriu-se e murmurou: “Mais outra bala,  
Carregai-a de novo até a boca!  
Ah! maldito portão! portão maldito,”  
Já entre os muros do sombrio forte  
Começava o rumor da soldadesca,  
Sons de clarins e rufos de tambores,  
Anúncios de defesa e de combate.  
Segunda vez no dorso de Valdivia  
O canhão trovejou e a bala rápida  
Abalou o portão até seus gonzos.  
O bravo levantou de novo a frente  
Suarenta, inflamada. “Um tiro ainda!  
Disse com surda voz, e tudo é feito!

Carregai-a sem medo até a boca!”  
O chefe obedeceu, a ígnea mecha  
Mais uma vez brilhou, partiu o raio,  
O trovão retumbou, a grande porta  
Em pedaços caiu, e um grito agudo,  
Atroz, pungente, fez-se ouvir no espaço!  
O herói da noite se torcia em ânsias  
Debaixo do canhão! O último abalo  
Tinha-lhe a espinha vertebral partido!  
Dez minutos depois era um cadáver.

## XV

“México e liberdade! Eia, avancemos!”  
Bradaram numa os assaltantes;  
E como as vagas de caudal torrente  
De erguida serra na garganta estreita  
Com pavorosos urros se engolfando,  
Em confuso tropel se arremessaram  
À livre entrada que o canhão fizera.  
Um granizo de balas sibilantes  
Partiu dos sitiados, derribando  
Muitos dos invasores. “Vamos! vamos!”  
Bradava o chefe, e os ávidos guerreiros  
Rompendo a densa nuvem de fumaça  
No pátio da fazenda penetraram.

## XVI

Então à dúbia luz dos astros raros,  
Que entre as nuvens condensas cintilavam,  
Houve uma cena horrível. Semelhantes  
A dois bulhões medonhos que se enroscam,  
Torcem-se unidos atroando o espaço,  
Ao som de seus bramidos estrondosos,  
Os guerreiros do forte e os assaltantes  
Numa só massa escura se fundiram,  
Caos de seres humanos consumido  
Pelo fogo da raiva e da vingança!



Ondas de desespero e de loucura!  
Mistura de paixões e de martírios  
Patente à luz das tímidas estrelas.  
Na sombria nuez de seus horrores!

### XVII

Enquanto isto passava-se no pátio  
Tendo os muros transposto o Rei das Sombras  
Invadia o edifício onde açodado  
O comandante ao lado de alguns homens,  
Bravo como um leão, se defendia.  
Debalde! A mão de Deus era visível,  
E o anjo tutelar dos entes livres  
Batia as asas longas, inflamadas,  
Em torno de seus filhos prediletos.

### XVIII

“México e liberdade!” os combatentes  
Que lutavam no pátio repetiram  
Sob a expansão de um júbilo indizível.  
“México e liberdade!” das janelas  
Do sombrio edifício lhes responde,  
De seus bravos no meio, o Rei das Sombras.  
“México e liberdade!” e à luz de um facho  
Desenhou-se na porta do edifício  
O vulto de Evelina. “Vencedores!  
Disse atirando às pedras da calçada  
Uma sangrenta e lívida cabeça,  
Eis-ali meu quinhão! — O comandante!”  
Atônitos bradaram contemplando  
A fronte fria do inimigo chefe.  
Está passada a sede da vingança,  
Mas a sede do corpo nos devora,  
Às cisternas, guerreiros, às cisternas!



## ENOJO

Vem despontando a aurora, a noite morre,  
Desperta a mata virgem seus cantores,  
Medroso o vento no arraial das flores  
Mil beijos furta e suspirando corre.

Estende a névoa o manto e o vale percorre,  
Cruzam-se as borboletas de mil cores,  
E as mansas rolas choram seus amores  
Nas verdes balsas onde o orvalho escorre.

E pouco a pouco se esvaece a bruma,  
Tudo se alegra à luz do céu risonho  
E ao flóreo bafo que o sertão perfuma.

Porém minh'alma triste e sem um sonho  
Murmura, olhando o prado, o rio, a espuma:  
Como isto é pobre, insípido, enfadonho!



## LIRA

Quando me volves teus formosos olhos,  
Meigos, banhados de celeste encanto,  
Rasgo uma folha da carteira, e a lápis  
Escrevo um canto.

Quando nos lábios do rubi mais puro  
Mostras-me um riso sedutor, faceto,  
Encomendo minh'alma às nove musas,  
Faço mm soneto.

Quando ao passeio, no mover das roupas,  
Deixas de leve ver teu pé divino,  
Sinto as artérias palpatarem túmidas,

Componho um hino.

Quando no marmor das espáduas belas,  
As negras trancas a tremer sacodes,  
Ébrio de amor, sorvendo seus perfumes,  
Rimo dez odes.

Quando à noitinha me falando a medo  
Elevas-me do céu à luz suprema,  
Esqueço-me do mundo e de mim mesmo,  
Gero um poema.



### O MESMO

Desde a quadra a mais antiga  
De que razão pergaminhos,  
Cantam a mesma cantiga  
Na floresta os passarinhos.

Tem o mesmo aroma as flores,  
Mesma verdura as campinas,  
A brisa os mesmos rumores,  
Mesma leveza as neblinas.

Tem o sol as mesmas luzes,  
Tem o mar as mesmas vagas,  
O deserto as mesmas urzes,  
A mesma dureza as fragas.

Os mesmos tolos o mundo,  
A mulher o mesmo riso,  
O sepulcro o mesmo fundo,  
Os homens o mesmo siso.

E neste insípido giro,

Neste voo sempre a esmo,  
Vale a pena, em seu retiro,  
Cantar o poeta, mesmo?



### A UM MONUMENTO

Triste, negra vassalagem  
Do mais baixo servilismo,  
Negreja no espaço a imagem  
Consagrada ao despotismo.

E em torno dela agrupados,  
Vergonha de nossa idade!  
Estão os vultos sentados  
Dos filhos da liberdade!

O povo curva-se e passa,  
Porque não vê a ironia  
Que encerra essa brônzea massa  
Indigna da luz do dia.

Porque nunca leu a história  
Das turvas eras passadas,  
Folhas brilhantes de glória,  
Mas de sangue borrifadas.

Porque não conhece o drama  
Do mártir que ali morrerá,  
Por zelar a sacra chama  
Que a liberdade acendera.

Pobre turba! Néscia e fátua  
Na sua soberania,  
Beija os pés à fria estátua  
Que há de esmagá-la algum dia!

## A PENA

*(Fragmento de um poema íntimo)*

Poucos instantes de vida  
Me restam, oh! bem o sei!  
Fiquei vencido na lida,  
Seja assim, cumpra-se a lei!  
Fui forte, com firmes passos  
Transpus desertos espaços,  
Afrontei mil temporais,  
Sorri no dorso das vagas  
Da tormenta às surdas pragas,  
Da morte aos brados fatais!  
Bebi de todas as taças,  
Provei todas as desgraças,  
Todas as dores sofri;  
Mortal, vergou-me o martírio,  
Nem a luz tenho de um círio,  
Sinto na frente o delírio,  
Não passo além, durmo aqui.

E no entanto que sonhos,  
Que planos ledos, risonhos,  
Minha mente não formou  
A luz deste céu brilhante,  
Sobre este solo gigante  
Que o Senhor abençoou!  
Quantas vezes reclinado,  
Mansamente balouçado  
Sobre o regaço materno,  
Não senti por minhas faces  
Roçarem gênios falaces  
Que me apontavam mendazes  
Um porvir de gozo eterno!

Meu Deus! Por que me lançaste,

A mim levita da dor,  
Na terra onde derramaste  
Tanta vida e tanto amor?  
Por que à mágoa sem nome  
Que minhas fibras consome,  
Tanta luz antepuseste?  
E quando tudo folgava,  
Quando tudo se alegrava,  
Por que chorar me fizeste?  
Por que me deste um destino?  
Por que me deixas sem tino  
No meio da criação,  
Imagem de um mal acerbo,  
No teu poema soberbo  
Sangrento escuro borram?

Quantas flores hei plantado,  
Quanto arbusto hei adorado,  
O tempo tem derribado,  
Tem o lodo consumido!  
Hoje sobre o meu calvário,  
Triste, mudo, solitário,  
Rasgo as dobras do sudário,  
Mordo a cruz enfebrecido!  
Humilhar-me ao sofrimento?  
Nunca! Às rajadas do vento  
O cedro jamais se dobra!

Tenho o orgulho da desgraça,  
Quanto mais à dor se abraça  
Mais força minh'alma cobra!  
Oh! minha pena querida,  
Não quero ensopar-te, não,  
Na funda, negra ferida  
Que tenho no coração!...  
Não quero, não posso! Ainda  
Eu a vejo airosa e linda

Vir se sentar junto a mim!  
E não é mais que uma ideia!  
Folha de rota epopeia!  
Fátua luz que bruxuleia  
Sobre um deserto sem fim!  
E não é mais que uma nota,  
Triste, lânguida, remota,  
Nas solidões do passado!

Um monte de brancos ossos!  
Marco atirado entre os fossos  
De medonho descampado!  
Oh! minha pena mimosa,  
Minha pena graciosa,  
Companheira carinhosa  
Dos festins da mocidade!  
Meu orgulho de criança!  
Mais tarde loura esperança!  
Maga estrela de bonança!  
No meio da tempestade!  
Vou deixar-te! Está quebrada  
Essa trindade adorada  
Que tantos sonhos gerou!  
Ela partiu, nós ficamos,  
Ingratos, não mais riamos,  
Oh! de lágrimas enchamos  
O espaço que ela ocupou!

Mas não! Se te ordena a sina,  
Se o destino assim te manda.  
De pé sobre a própria ruína  
Canta, oh! alma miseranda!  
Pede ao inferno uma lira,  
Toma os guizos da loucura,  
Dança, ri, folga e delira  
Mesmo sobre a sepultura!  
Solta rudes harmonias,

Brinda a morte e as agonias,  
Canta as cóleras bravias  
Dos precitos eternos;  
Sobre túmulos e berços  
Escreve ainda, e teus versos  
Sejam banhados, imersos,  
Nos prantos de Satanás!



## LEVIANDADES DE CÍNTIA

PANFÍLIO,  
ANFILÓFIO,  
MARCULFO.

*Noite. Um rio com uma ponte. Panfílio à margem esquerda.*

PANFÍLIO

Círios da noite, vividas estrelas,  
Apagai vossa luz! Veigas, campinas,  
Onde tantos momentos palpitantes  
De poesia e de amor errei tecendo  
Hinos à ingrata por quem tanto sofro,  
Envolvei-vos num manto tenebroso!  
Furtai o turbilhão de vossas dríades  
De meu trágico fim à triste cena!  
E tu cruel tirana de minh'alma,  
Tu que a pagaste meus rosados sonhos,  
Que afogaste meus planos de esperança  
No oceano sem fim de tua astúcia,  
Adeus! adeus! No seio destas águas  
Quero ocultar meu drama de martírios,  
Minha história de lágrimas e sombras!

*(Aparece Anfilófilo à margem direita)*



## ANFILÓFIO

Eis-aqui o lugar ermo e sinistro  
Onde vou terminar minha existência.  
Deus me perdoe, sobre este vil planeta  
Vale mais um defunto que um mendigo.  
Ignoro a política, estou pobre,  
Heranças não espero, acho-me velho,  
É preciso morrer. Examinemos  
Esta liquida cama. Quando a aurora  
Estender caprichosa os seus rabiscos  
Na cúpula do céu, meu fim nefasto  
Correrá, bem o sei, de boca em boca  
Pela cidade toda. “Era um bom homem,  
Os vizinhos dirão; morou dez anos  
Junto de nós e nunca nos queixamos,  
Nem tínhamos de que; amava os pobres;  
Nunca na vida alheia intrometeu-se,  
Nem fez mal a seu próximo somente  
Era amigo do vinho e das mulheres,  
E voltando do jogo às vezes bêbado  
Punha toda esta rua em movimento.”  
Outros dirão: “Matou-se? Aos sessenta anos  
Um homem de juízo não se empenha  
Em conquistas venais. Teve sultana,  
Boa mesa, bom vinho e maus amigos;  
Comprou sedas, brilhantes, carros, moveis,  
E cego por seu ídolo funesto  
Fez da burra um altar para adorá-lo.  
Foi melhor que morresse; Deus o tenha.”

## PANFÍLIO

Negro destino! Abandonar o mundo,  
A esperança, o porvir, talvez à glória,  
A fortuna, o prazer, na flor dos anos,  
E buscar os desertos de além-túmulo,  
Cheio de desespero! No entanto

Não posso mais viver!... Pois bem, morramos  
Amanhã os jornais desta cidade  
Num artigo de fundo acomodado  
Entre tarjas de luto, em grandes letras  
Dirão: “Mais um talento há sucumbido  
Ao peso das desditas! Mais um astro  
Perdeu-se entre os negrumes da tormenta!  
Panfílio já não vive! Já não vive  
O terno sabiá que amenizava  
Com seu canto sentido estas paragens!”  
Talvez ao ler a lúgubre notícia  
A ingrata chore, e lá na eternidade  
Eu goze do prazer de ver meu nome  
Impresso em grossos tipos.

ANFILÓFIO (*descobrindo Panfílio*)  
Não me engano,  
Eu vejo alguém que fala e gesticula,  
Do outro lado do rio. Estou perdido!  
Espreitam-me talvez! Se por ventura  
A cruel que arruinou-me, e por quem morro,  
Suspeitasse o projeto que acalento  
Em silêncio há três dias! Oh! mulheres!  
Mulheres!

PANFÍLIO (*descobrindo Anfilófilo*)  
Grande Deus! diviso um vulto  
Sobre a margem direita deste rio!  
Quem será? Quem será? Tremo de susto!  
Parece que me estuda! É necessário  
Meu medo disfarçar.

ANFILÓFIO  
O tal amigo  
Começa a incomodar-me! Eu sou valente,  
Mas a noite, o lugar, meu triste estado...

PANFÍLIO

Ele tosse, aproxima-se da ponte,  
Volta, torna a tossir. Sejam fortes,  
Falemos. — Oh! vizinho do outro lado,  
O que faz o senhor aí sozinho?  
Por que passeia, escarra e estende os braços  
Quando eu contemplo as águas sussurrantes  
Deste rio saudoso e merencório?  
Diga-me sem demora!

ANFILÓFIO.

Por São Pedro!

E o senhor o que faz? Vamos, responda-me.  
Por que contempla as águas sussurrantes  
Deste rio saudoso e merencório  
Quando eu passeio, escarro e estendo os braços?

PANFÍLIO

A resposta é difícil, entretanto  
Posso lhe asseverar que neste sítio  
Tenho sérios negócios.

ANFILÓFIO

A estas horas?

Neste lugar deserto? Não há dúvida  
O homem tem os sapos por clientes,  
Ou é algum ladrão, mas não me assusto,  
Não sou mais rico. — Pois também, amigo,  
Tenho sérios negócios.

PANFÍLIO

Seja franco,  
Somos aqui sozinhos, por ventura  
Vem espreitar meus passos?

ANFILÓFIO

Menos essa!

Eu não sou espião, nem o conheço!  
E dê graças a Deus se nos separam  
As águas deste rio, malcriado,  
Senão lhe gravaria nas bochechas  
Os princípios da sã civilidade  
E boa educação!

PANFÍLIO

Paz, meu amigo,  
Paz; a desgraça me tornou grosseiro,  
A dor me transviou!

ANFILÓFIO

A dor, entendo,  
Entendo, vem aqui chorar seus males?  
Eu também sofro; diga-me, precisa  
De alívio e de consolo?

PANFÍLIO

Não; eu venho,  
Eu venho aqui morrer! Não há consolo  
Que abrandem minhas mágoas!

ANFILÓFIO

O que escuto!  
Eu também vim aqui buscar a morte  
No fundo destas águas! Deus louvado,  
Morrámos juntos como bons parceiros,  
Contentes, de mãos dadas, e fuçamos  
Deste mundo cruel como dois ébrios  
À meia noite de uma escura tasca.  
Mas conte-me primeiro seus pesares;  
Foram azares da fortuna? A morte  
De uma esposa querida? O vício? O crime?  
Erros da mocidade?

PANFÍLIO

Antes o fosse!

De que me serve repetir-lhe a história  
Das mais negras desditas que aniquilam  
coração humano? As tristes lendas  
De um amor infeliz?

ANFILÓFIO

Bem o previa.

Sua amante deixou-o...

PANFÍLIO

Sim, deixou-me!

A mim, alma de fogo, alma inspirada,  
Cheia de sonhos e ilusões formosas,  
Por um parvo, um sandeu endinheirado,  
Um chatim miserável, cuja bolsa  
Valia mais aos olhos da traidora  
Do que todas as odes e sonetos  
Dos poetas da terra!

ANFILÓFIO

Pois comigo

Sucedeu o contrario. A minha deusa  
Sugou-me à gorda burra o leite todo,  
Deixou-me sem vintém. Dizia amar-me,  
E no entanto eu soube que passava,  
Durante minha ausência, horas e horas  
Entre os braços de um biltre empomadado,  
Possessor de uma dúzia de bengalas,  
Umas de pau com caras de cachorro  
Ou patas de peru, outras de chifre  
Com cabeças de Chins, outras mais feias  
Que o próprio frontispício do malandro  
Que meus bens devorava em comandita,  
À sombra da velhaca! — Eia, morramos!  
Quem pulará primeiro dentro d'água?

Sem dúvida, o senhor?

PANFÍLIO

Oh! caro amigo,  
A boa educação manda que eu ceda  
Esta honra ao mais velho.

ANFILÓFIO

Nada, nada,  
Nada de cerimônias, eu não gosto  
De fofas etiquetas.

PANFÍLIO

Pelos anjos!  
Eu cumpro o meu dever.

ANFILÓFIO

Não, deste modo  
Se gastamos o tempo a rasgar sedas  
E fazer cortesias um ao outro  
Nenhum se atirá. Bem, concordemos  
No que passo a propor: em voz bem alta  
Pronunciemos vezes três o nome  
De nossas infieis, à vez terceira  
Arrojemo-nos juntos.

PANFÍLIO

Seja, vamos.

AMBOS.

Cíntia!

ANFILÓFIO

Por Deus, repita, sim, repita!  
Cíntia disse, não é?

PANFÍLIO  
Sim eu o disse,  
Disse o senhor também!

ANFILÓFIO  
Eu também disse.  
E a sua namorada assim se chama?

PANFÍLIO  
Certamente.

ANFILÓFIO.  
E sua cor, sua estatura,  
Seu aspecto, seu ar, sua morada?

PANFÍLIO  
Alta, morena, de aneladas trancas,  
Pés e mãos pequeninos, olhos negros,  
Moradora na rua das Estrelas  
Número quinze.

ANFILÓFIO...  
É ela! É ela! Não há dúvida!

PANFÍLIO  
Ela, quem?

ANFILÓFIO  
Pois não vê? a minha amante.

PANFÍLIO  
Era o senhor o celebre papalvo?  
Era o senhor? Ah! deixe que me ria!  
Oh! que aventura! Vale a pena agora  
Voltar de novo à vida!

## ANFILÓFIO

Já lhe disse,

Já lhe fiz ver há pouco que não gosto  
De certas brincadeiras, e mormente  
Na hora de morrer! Quem pensaria  
Que era o senhor o biltre, o peralvilho  
Cúmplice da malvada! Eu lhe perdoo!

*(Aparece Marculfo no fundo)*

## MARCULFO

Vou me arrojar às ondas deste rio!  
Quero morrer, meu plano está formado,  
Já não há nem apelo nem agravo!  
Eu um homem de honra e probidade,  
Que há três anos padeço, trabalhando,  
Longe da pátria, longe dos amigos,  
Acho ao voltar, depois de tantas penas,  
Minha mulher perdida e difamada.  
Meu nome escrito em vergonhosos versos  
Nas esquinas das ruas! Se eu pudesse  
Dos dois marotos me vingar ao menos,  
Do tal capitalista e do tal vate!  
Mas os patifes não fugido, e eu morro  
Levando este pesar na consciência!  
Porém ouço falar, vejo dois vultos;  
Escutemos.

*(Neste ínterim Panfílio tem passado para a outra margem onde está Anfilófilo)*

## PANFÍLIO

Vivamos, companheiro,  
A ingrata Cintia, a estrela impiedosa  
Da rua das Estrela perseguida  
Pelo remorso, chorará seus crimes,  
Nos abrirá de novo os braços meigos,



E nós...

MARCULFO

De Cintia eu escutei o nome,  
Ouvi falar na rua das Estrelas,  
Trata-se dela, pelos santos! Calma!  
Calma, meu coração!

ANFILÓFIO.

Viva em sossego,  
Não amo a companhia em tais matérias.  
Estou pobre, arruinado, eu o mais rico  
Capitalista desta terra. Agora,  
Dado o caso que viva, o desespero  
Não deixará meus passos.

PANFÍLIO

Eu não posso  
Me olvidar da infiel! Por toda a parte  
Sinto o aroma sutil de seus cabelos,  
O hálito celeste de seus lábios,  
O imbre mavioso de seus cantos!  
Volto de novo à rua das Estrelas,  
Caio a seus pés...

MARCULFO (*gritando*)

Ah! monstros! Ah! perversos!  
Eu inda vivo, esperem que lhes mostro  
Quanto penetra a ponta de uma faca!

ANFILÓFIO (*espavorido*)

Fujamos, meu amigo! É o marido!  
E o marido que chegou, fujamos!...  
Ei-lo! Que brilho seu punhal espalha!...  
Como é grande, meu Deus! como é terrível!  
Corramos, que já sinto pelo ventre  
O imperioso anuncio do perigo!...

Fica para outro dia o nosso plano!

PANFÍLIO

Sim, fuja, fuja sem demora!

*(Saem correndo)*

MARCULFO

Não quero mais morrer! Já descobri-os!  
Hei de viver para vingar-me! Eu parto!  
Eu parto, e em breve há de saber o mundo  
O que fez um marido indignado!



### ORAÇÃO FÚNEBRE

Segue o caminho antigo onde passaram  
Outrora nossos pais. Vai ver os deuses  
Indra, Yama e Varuna.

Livre, dos vícios, livre dos pecados,  
Sobe à eterna morada, revestido  
De formas luminosas.

Volte o olhar ao sol, o sopro aos ares,  
A palavra à amplidão, e os membros todos  
Às plantas se misturem.

Mas a essência imortal, aquece-a, oh! Agnis,  
E leva-a docemente à clara estância  
Onde os justos habitam,

Para que aí receba um novo corpo,  
E banhada em teu hálito celeste  
Outra vida comece...

Desce à terra materna, tão fecunda,  
Tão meiga para os bons que a fronte encostam  
Em seu úmido seio.

Ela te acolherá terna e amorosa  
Como em seus braços uma mãe querida  
Acolhe o filho amado.



### AO DEUS CRIADOR

Deus da Luz apareceu, e apenas  
Ele mostrou-se foi senhor do mundo,  
E encheu o céu e a terra.  
Glória ao Deus que há partido o ovo de ouro!  
Que Deus receberá nosso holocausto?

Dele dimana a vida, a força, o ânimo.  
A lei que ele traçou todos os seres  
Submissos se curvam.  
Glória ao Deus que há partido o ovo de ouro!  
Que Deus receberá nosso holocausto?

Foi ele que formou estas montanhas,  
E este mar que rebrame sem descanso,  
Os sábios o disseram.  
Glória ao Deus que há partido o ovo de ouro!  
Que Deus receberá nosso holocausto?

É por ele que o céu, a terra, os astros,  
Tremem de amor e tremem de desejos  
Quando o sol aparece.  
Glória ao Deus que há partido o ovo de ouro!  
Que Deus receberá nosso holocausto?

Quando as tímidas ondas que conservam

A essência universal se revolveram,  
Ele agitou-se nelas.  
Glória ao Deus que há partido o ovo de ouro!  
Que Deus receberá nosso holocausto?

Ah! proteja-nos ele, o Deus piedoso,  
O espírito das coisas invisíveis,  
O Senhor do universo!  
Glória ao Deus que há partido o ovo de ouro!  
Que Deus receberá nosso holocausto?



### HINO A AURORA

Ela mostrou-se enfim,  
Ela mostrou-se enfim, a mais formosa,  
A mais bela das luzes!

Por esse azul cetim  
Caminhando tão linda e tão garbosa,  
Aonde nos conduzes?

Aonde, branca Aurora?  
Filha também do Sol, a Noite escura  
Tua estrada marcou.

Com as lágrimas que chora,  
A vasta senda da eternal planura  
Ao passar orvalhou.

Unidas pelo berço,  
Ambas iguais, eternas, sucessivas  
Na marcha e na existência,

Percorreis o universo,  
Aurora e Noite, sempre redivivas,

Opostas na aparência.

Rósea filha do Dia,  
Brilhante a nossos olhos apareces,  
Cheia de glória e amor;

E espalhas a harmonia,  
A vida, o gozo, ao mundo que esclareces  
Com teu sacro esplendor.

Segues a mesma senda  
Das auroras passadas, e precedes  
As que estão no futuro.

Rasgas da Sombra a venda,  
E os negros planos previdente impedes  
Do crime hórrido, escuro.

Há muito que passaram  
Os que viram no céu luzir outrora  
Teu fulgido clarão.

Seus olhos se apagarão,  
E nós por nossa vez também agora  
Vemos-te na amplidão.



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**